

JUSSARA FALEK BRAUER

A Estrutura em Tapetes no Teste das Pirâmides Coloridas
de Max Pfister.

Trabalho executado sob a orientação do
Dr. Luis Carlos Nogueira.

Lígia Cavalcanti Zonilha
Odette de Sá
Argemiro

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

São Paulo, 1979



A

Felippe e Franklin.

Agradecemos :

Ao saudoso Dr. Theodorus van Kolck, que nos introduziu na área de Técnicas Projetivas, colocando-nos, sempre que solicitado, ao par da bibliografia.

À Profa. Petra Halder, da Psychologische Fakultät der Albert Ludwigs-Universität zu Freiburg i.Br., que tão gentilmente nos colocou em contato com toda a bibliografia específica do assunto a que nos propusemos pesquisar.

À Sra. Hella Brauer, que nos auxiliou no trabalho de tradução dos textos alemães.

À Sra. M.J.A.C., que consentiu que utilizássemos o material colhido no diagnóstico, em nossa dissertação.

Ao Sr. Carlos Dranger, que nos auxiliou com o material fotográfico.

À Profa. Dra. Clarisa A. Falek, que nos auxiliou na revisão do trabalho.

À Sra. Lucie W. Dresbach, que nos auxiliou com a datilografia.

Sem a ajuda dessas pessoas não teria sido possível a apresentação do presente trabalho.

Í N D I C E

I - Introdução	pág. 01
II - O teste de Pfister - Uma técnica projetiva ..	pág. 03
III - O teste de Pfister - As estruturas	pág. 19
IV - O caso - Uma ilustração	pág. 34
V - Conclusões	pág. 62
VI - Bibliografia	pág. 66

I - I N T R O D U Ç Ã O

É nosso objetivo, no trabalho que ora apresentamos, colocar uma série de questões referentes às bases, às origens da construção do Teste das Pirâmides Coloridas de Max Pfister.

Nosso interesse principal é em relação à estruturação das pirâmides, e, em especial, à estruturação em tapetes. Assim, após colocarmos uma série de questões, propomo-nos a sugerir uma resposta, na forma de uma nova maneira de trabalhar com o teste.

O teste de Pfister é uma técnica projetiva. Nosso primeiro foco de interesse será o de esclarecer o duplo significado do termo projeção : a) dentro das técnicas projetivas; b) historicamente, dentro da Psicanálise.

Começaremos nosso trabalho elucidando esta parte. Partiremos do surgimento do termo e da evolução de seu significado na Psicanálise, para nos determos depois no aparecimento das técnicas projetivas e nos problemas teóricos existentes nesta área.

Um segundo passo de nosso trabalho será uma pesquisa bibliográfica relativa às estruturas no teste de Pfister. Como sabemos, o material deste teste é analisado quanto à : a) frequência das cores; b) síndromes; c) fórmula do processo; d) estruturas. É este último elemento de análise do teste que nos interessa na presente pesquisa, e, para tanto, percorreremos a bibliografia em busca dos significados atribuídos aos diferentes modos de estruturação, e dos progressos alcançados na pesquisa.

Finalizaremos o trabalho com uma proposta, que vai aparecer sob a forma de um caso ilustrativo : trata-se de um estudo de caso, do qual extrairemos a anamnese, bem como o protocolo do teste de Pfister, o qual nos proporemos a analisar através da leitura das estruturas e do processo segundo o qual elas vão aparecendo neste protocolo. Isto constituirá, por um lado, numa tentativa de analisar o teste de uma outra maneira, diferente daquela usualmente utilizada, e por outro, numa tentativa de assim fazendo descobrir algo de novo, não só em relação ao sujeito pesquisado, mas também em relação às estruturas em tapetes.

II - O TESTE DE PFISTER - UMA TÉCNICA PROJETIVA

"O teste das Pirâmides Coloridas de Max Pfister é uma técnica projetiva, que dá oportunidade ao sujeito de projetar-se nas preferências cromáticas, na distribuição das tonalidades e na técnica de formação das pirâmides" (cf. Justo e Kolck *).

Como sabemos, as técnicas projetivas surgem a partir da criação do termo projeção na Psicanálise.

Faremos a seguir uma recapitulação histórica de seu surgimento e evolução de seu significado, diferenciando o significado estritamente psicoanalítico do termo daquele encontrado nas técnicas projetivas.

A época é 1896. Freud acaba de dar seus primeiros passos na psicanálise. Sabe que o mecanismo puramente psicológico do recalçamento explica os sintomas histéricos, e que o manejo da resistência e da transferência permitem seu tratamento (cf. Freud - Estudos sobre a Histeria, 1895). Estende então este primeiro tipo de explicação, que se relaciona unicamente à forma de aparecimento dos sintomas, a cada psicose. Então :

- recalçamento do conflito e conversão na histeria
- deslocamento da culpabilidade na obsessão
- negação da realidade, seguida de uma profunda aflição na alucinação
- projeção da agressividade sobre o outro na paranóia.

Dois artigos sobre as psico-neuroses de defesa, publicados em maio de 1894 e maio de 1896, e o Manuscrito K enviado a Fliess em janeiro de 1896, estabelecem a seguinte

*) in Justo, H. e Kolck, T. van - "O teste das pirâmides de cores" - Vetor Editora, São Paulo, - 1976, 179 pg., pg. 26 .

te descrição do mecanismo de defesa que Freud retomará em 1920 :

"Na paranóia, a recriminação contra si mesmo é recalçada de uma maneira que se pode descrever como sendo uma projeção : suscitando um sintoma de defesa que consiste em desconfiar do outro". Este foi o primeiro emprego clínico do termo projeção. Ele vai esclarecer e aprofundar a descrição deste mecanismo em seu comentário de um caso de paranóia, a análise da autobiografia do Presidente Schreber (Freud 1911 *); a projeção é então definida da seguinte maneira : uma percepção interna é reprimida e, em seu lugar, seu conteúdo, depois de submetido a uma certa deformação, vem à consciência sob a forma de uma percepção vinda do exterior. A paranóia é explicada como tendo origem em um desejo homossexual recalçado e projetado. A gênese do delírio de perseguição se efetua em três tempos, segundo Freud :

- a) "Eu (um homem), o amo (a ele, um homem)". O caráter homossexual desse sentimento torna-o intolerável à consciência".
- b) O sentimento é transformado então em seu contrário : "Eu não o amo, eu o odeio". Mas a consciência do sujeito não tolera experimentar um sentimento hostil.
- c) "Eu o odeio" se torna "ele me odeia (ou me persegue) , o que justifica a raiva que eu tenho dele". Aí está uma projeção : atribui-se a outrem um sentimento que se vivencia em si mesmo, mas que se recusa reconhecer como próprio. O sentimento de origem interna é então vivido pelo sujeito como se fosse uma consequência lógica de uma percepção externa : "Eu não o amo, eu o odeio, porque ele me persegue".

*) in Freud, S - "Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia" 1911, (Dementia paranoides autobiograficamente descrito) in Obras completas - Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/ , Vol. 2, pg. 1487 a 1527.

Além do delírio de perseguição, caracterizam também a paranóia a erotomania, o delírio de ciúmes e o delírio de grandeza, para os quais a fórmula acima pode ser aplicada.

Assim, para a erotomania, temos : "Não é a ele que eu amo, é a ela que eu amo, porque ela me ama".

Para o delírio de ciúmes : "Não sou eu (um homem) que amo o homem - é ela que o ama". O ciumento suspeita que a mulher ame a todos os homens que está tentado de amar, e inversamente para a mulher ciumenta.

E no delírio de grandeza : "Eu não amo a ninguém, eu só amo a mim".

Ainda seguindo em uma linha de estudo da patologia, Freud descreve em 1915 o conjunto da construção fóbica como uma verdadeira projeção no real do perigo pulsional : "O ego se comporta como se o perigo de desenvolvimento da angústia não proviesse de uma moção pulsional, mas de uma percepção, e pode portanto reagir contra este perigo exterior pelas tentativas de fuga nas evasivas fóbicas". (Metapsicologia : Tópica e Dinâmica da Repressão - Freud 1915 *).

Em um segundo estágio de sua obra, Freud amplia o sentido da palavra projeção para a psicologia normal, ampliação que contém em germe as técnicas projetivas. Esta aparece no último capítulo da Psicopatologia da Vida Cotidiana, intitulado "Determinismo - Fé casual - Supers-

*) in Freud, S. - "Lo inconsciente em Metapsicologia" - (1915) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/, Vol. 2, pg. 2061-2082.

tição" (Freud 1901 *).

- a) Quando se pede a um sujeito que diga arbitrariamente um nome próprio ou número, constata-se que sua escolha é rigorosamente determinada por uma preocupação pessoal. A crença no livre arbítrio pode ser explicada, a partir daí, pelo desconhecimento tão freqüente das motivações inconscientes que são as verdadeiras causas de nossos pensamentos e de nossas ações. Esta explicação serviu de fio diretor à obra de Jung e à sua descoberta do primeiro teste projetivo, o teste de associação de palavras em 1904.
- b) A superstição provém também de uma projeção para Freud. "Eu creio que uma manifestação não intencional de minha própria atividade psíquica me revela alguma tensão, que por sua vez só pode fazer parte de minha própria vida psíquica. Creio no acaso exterior (real), mas não creio no acaso interior (psíquico). Ocorre o contrário com o supersticioso ... Em primeiro lugar ele projeta no exterior uma motivação que eu encontro no interior; em segundo lugar ele interpreta para um acontecimento o acaso que eu reconduzo a uma idéia. O que ele considera oculto corresponde para mim ao que é inconsciente ... É porque o supersticioso não sabe nada da motivação de suas próprias ações acidentais e porque esta motivação procura se impor ao seu reconhecimento, que ele é obrigado a deslocá-la, situando-a no mundo exterior ... Eu penso efetivamente que, por uma boa parte, a concepção mitológica do mundo, que anima também as religiões mais modernas, não é outra coisa que psicologia projetada no mundo exterior.

*) in Freud, S. - "Psicopatologia de la vida cotidiana" (1901) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/, Vol. 1, pg. 755-931.

Quando os homens começaram a pensar, eles foram obrigados a resolver antropomorficamente o mundo em uma multidão de personagens feitas à sua imagem; os acidentes e os acasos que eles interpretam supersticiosamente são a seus olhos ações, manifestações de pessoas; dito de outra forma, eles se comportam como os paranoicos, que tiram conclusões do menor sinal fornecido pelos outros ... O obscuro conhecimento (por assim dizer, a percepção endopsíquica) dos fatores psíquicos e das relações que existem no inconsciente reflete-se na construção de uma realidade supra-sensível que deve ser retransformada pela ciência em psicologia do inconsciente".

Este texto indica a filiação dos dois sentidos do termo projeção (O comentário do caso Schreber o acentuará : Quando procurarmos as causas de certas impressões não mais em nós mesmos ... mas nós as situamos no exterior , este processo normal merece também o nome de projeção) e faz residir a essência da projeção no deslocamento. Este mecanismo do deslocamento havia sido descoberto por Freud no curso de análise de seus próprios sonhos : um personagem, indiferente na vida real, aparece em sonho como substituto de um outro personagem que aparece sobre um ponto (nome, estatura, profissão, etc.) mas pelo qual se tem sentimentos muito vivos de uma natureza inadmissível para a consciência. A projeção conserva a natureza do sentimento inconsciente, deslocando o objeto deste sentimento. O fundamento último da projeção se encontra na tendência ao antropomorfismo, natural ao ser humano, e em uma característica própria ao inconsciente de se exprimir ao exterior apoiando-se nos seres humanos e nas coisas. A projeção é um processo psíquico primário, da mesma forma que a realização alucinatória do desejo no

sonho. Em oposição, os processos secundários obedecem ao princípio de realidade e a um pensamento lógico e racional.

Por fim, só em raras ocasiões Freud invoca a projeção a propósito da situação analítica. Nunca designa a transferência em geral como uma projeção, e não usa este último termo senão para exprimir um fenômeno especial que se relaciona com ela: o indivíduo atribui ao seu analisista palavras ou pensamentos que na realidade são seus (você vai pensar que ... mas olhe que não é verdade). Em semelhança manifestação do sujeito vemos a repulsa, por meio da projeção sobre a pessoa do analista, de uma associação emergente naquele momento. (A negação - Freud 1925*)

A projeção aparece sempre, para Freud, como uma defesa, como uma atribuição ao outro, pessoa ou coisa, de qualidades, de sentimentos, de desejos que o indivíduo desconhece ou recusa ver em si.

A projeção encontra o seu princípio mais geral na concepção freudiana de pulsão. Para Freud, o organismo está submetido a duas espécies de excitações geradoras de tensão: aquelas de que se pode fugir e contra as quais se pode proteger, e aquelas de que não se pode fugir e contra as quais não existe inicialmente aparelho protetor ou pára-excitações; é esse o primeiro critério do interior e do exterior. A projeção aparece então como um meio de defesa primário contra as excitações internas cuja intensidade as torna demasiadamente desagradáveis: o indivíduo projeta-as para o exterior, o que lhe permite fugir delas (na evasiva fóbica, p.ex.) e proteger-se delas (cf.

*) in Freud, S. - "La negacion em El yo y el ello" - (1925) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/, Vol. 3, pg. 2884-2886.

Mais Além do Princípio do Prazer - Freud 1920 *). A contrapartida desse benefício é, como notou Freud, que o indivíduo se vê obrigado a conferir pleno crédito ao que daí em diante está submetido às categorias do real.

Freud atribui um papel essencial à projeção, emparelhada com a introjeção, na gênese da oposição sujeito (ego) - objeto (mundo exterior). O indivíduo assume no seu ego os objetos que se lhe apresentam na medida em que são fonte de prazer, introjeta-os (segundo a expressão de Ferenczi citado em Freud 1915) e, por outro lado, expulsa de si o que no seu próprio íntimo é ocasião de desprazer (mecanismo de projeção) (cf. Pulsões e Destino das Pulsões - Freud 1915**). Este processo de introjeção e projeção exprime-se "na linguagem da pulsão oral" pela oposição ingerir-vomitar. É essa a etapa daquilo a que Freud denominou "ego prazer purificado". (Os autores que consideram esta concepção freudiana numa perspectiva cronológica interrogam-se sobre se o movimento projeção - introjeção pressupõe a diferenciação do dentro e do fora ou se a constitui.

É assim que, para Ana Freud esses mecanismos de projeção - introjeção aparecem na época que se segue à diferenciação do ego relativamente ao mundo exterior, opondo-se à escola de Melanie Klein, que situou em primeiro plano o movimento de projeção - introjeção do bom e do mau objeto, e nela viu o próprio fundamento da diferenciação interior-exterior).

*) in Freud, S. - "Mas alla del Principio del Placer" - (1920) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/, Vol. 3, pg. 2507-2541.

***) in Freud, S. - "Los instintos y sus destinos em El malestar en la cultura" (1915) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/, Vol. 2, pg. 2039-2052.

O uso freudiano do termo projeção é, como vemos, nitidamente orientado. Trata-se sempre de rejeitar para fora o que não se reconhece em si ou o que se recusa ser.

Se pensarmos agora nas técnicas projetivas, veremos que a acepção do termo projeção é aqui um tanto diferente.

O surgimento dos testes projetivos se explica pela introdução de idéias psicanalíticas na psicotecnia.

O termo "Técnica projetiva" foi empregado pela primeira vez em 1939 por Frank e passou então a ser sinônimo de prova de personalidade ou de caráter.

"Chamam-se métodos projetivos para o estudo da personalidade individual aqueles nos quais se coloca o sujeito ante um material relativamente informe para que este o organize, e, ao fazê-lo permita-nos descobrir, pela estruturação que dá ao material, algo de sua própria estrutura psicológica". (Siguán 1952, pg. 16 *).

Se o termo projeção, aplicado por Frank a um certo tipo de teste, ganhou terreno em psicologia, isto se deve ao fato dos diversos sentidos desta palavra serem todos cabíveis e evocarem sua multidimensionalidade, especificidade e fecundidade. (Anzieu 1978, pg. 17 **).

Anzieu (1978, pg. 17 **) no estudo que faz a respeito dos

*) in Siguán, M. - "Las pruebas proyectivas y el conocimiento de la personalidad individual" Depto. de Psicologia Experimental, Instituto Luis Vives, 1952, Cap. I e II.

***) in Anzieu, D. - "Les méthodes projectives" PVF Paris, 1960 e 1978 (traduzido para o português), pg. 1 e pg. 17.

diversos significados deste termo (projeção) começa pela pesquisa do ponto de vista etimológico, colhendo no Dicionário Robert as diferentes acepções.

"O primeiro sentido denota uma ação física, o jato ... Lançando mão de uma analogia metafórica, Freud designou nesse sentido uma ação psíquica característica da paranoia, a qual consiste em expulsar da consciência os sentimentos repreensíveis, atribuindo-os a outra pessoa. Nesse sentido, os testes projetivos favorecem a descarga, sobre o material apresentado ao sujeito, de tudo aquilo que este recusa ser, que vivencia em si mesmo como mau.

O segundo sentido é matemático. Aparece com a geometria projetiva. A projeção estabelece a correspondência entre um ponto (ou conjunto de pontos) do espaço e um ponto (ou conjunto de pontos) de uma reta ou de uma superfície. As propriedades geométricas de uma figura são conservadas em qualquer projeção oblíqua da mesma figura. Os testes projetivos levam o sujeito a produzir um protocolo de respostas de tal modo que a estrutura do mesmo corresponde à estrutura de sua personalidade, estando conservadas no primeiro as características fundamentais da segunda.

O terceiro sentido tem origem na ótica. Partindo de um foco, a projeção luminosa envia raios ou radiação sobre uma superfície. Um teste projetivo é como um raio X. Atravessando o interior da personalidade, fixa a imagem do seu núcleo secreto sobre um revelador (aplicação do teste), permitindo depois sua leitura, por meio da ampliação ou projeção ampliadora em uma tela (interpretação do protocolo). O que está escondido fica assim iluminado; o latente se torna manifesto; o interior é trazido à su-

perfície".

O primeiro sentido -de descarga de impulsos- delimita o modo como atua o teste projetivo, ou seja, catarticamente.

O segundo sentido estabelece uma correspondência estrutural entre a personalidade, concebida como sistema de condutas próprias a cada um, e as produções individuais em uma situação definida por duas variáveis : uma superfície quase vazia (material de teste) , que o sujeito deve preencher com suas respostas, e uma regra de projeção (instruções de liberdade orientada do teste); este segundo sentido fundamenta o rigor científico das técnicas projetivas. Quanto ao terceiro sentido, é o veículo das representações arcaicas da imagem do corpo, onde o lado de dentro se opõe ao lado de fora, o escondido à superfície, o cheio ao perfurado, representações estas, que marcam uma etapa importante na organização precoce da personalidade, representações cujo despertar, no entanto, mobilizam medos profundos e antigos, daí a angústia dos testandos quanto a uma "violação" da personalidade.

É assim que Anzieu, apoiado nos diferentes significados que tem a palavra projeção, faz derivar seus significados dentro da Psicologia Projetiva.

Se percorrermos, porém, a bibliografia em busca do que aí aparece como "tipos de projeção", vemo-nos diante de uma série de definições. Assim : Abt e Bellak (1950) propõem a distinção entre :

- técnicas expressivas, nas quais o sujeito fica inteiramente livre, tanto do ponto de vista das instruções, quanto do material proposto.

- técnicas projetivas, em que as respostas são livres, mas sendo o material definido e padronizado.

- Ombredane (1952 pg. 55-62) distinguiu diversas formas de projeção atuantes nos testes projetivos :
 - a) a projeção especular : o indivíduo reencontra características, que pretende serem suas, na imagem de outro. A origem de tal projeção está no estágio do espelho, de indistinção primitiva da imagem de si e da imagem do outro, em síntese, do narcisismo. Processa-se em forma indicativa ou optativa.

 - b) a projeção catártica, atribuindo o indivíduo à imagem do outro não mais as suas características ou as que desejaria que fossem suas, mas as que pretende não ter, livrando-se delas por catarse, deslocando-as para outro (mecanismo do delírio paranóico).

 - c) a projeção complementar (Allport), em que a pessoa atribui a outros sentimentos e atitudes que justificam as suas. Esta forma de projeção pode aparecer de modo indicativo ou optativo.

Nota-se que os autores fazem uma certa questão de desvincular a compreensão que se tem deste termo (projeção) dentro da Psicanálise e dentro das técnicas projetivas.

Muchielli sintetiza muito bem a compreensão que se tem, dentro das técnicas projetivas, do termo projeção : "De fato, parece-nos evidente que se trata de dois fenômenos totalmente diferentes. (*) A projeção da obra dentro das

(*) NOTA : O da projeção defensiva de Freud, e o da projeção nas Técnicas Projetivas tal como foi colocada por Frank .

técnicas projetivas não é outra coisa que o próprio ato perceptivo, tal que não é absolutamente consciente, assim como nossa visão não é consciente da estrutura anatomo-fisiológica do olho ou dos processos através dos quais ela se efetua. Na descrição deste fenômeno, a reflexão dos pensadores e dos pesquisadores conduziu a uma mesma conclusão, ao menos para todos aqueles que fizeram da percepção um ato do sujeito dentro de seu projeto diante do mundo e não uma "recepção" passiva ou o registro de um estímulo por assim dizer objetivo ... A atividade perceptiva (e as atitudes ou condutas a que ela induz) coloca em jogo o todo da personalidade do sujeito e é a análise desta percepção - dentro de certas condições que resta definir - que permite compreender a personalidade engajada neste ato. As técnicas projetivas são o instrumento para isto". (Muchielli*).

- Perguntamos : não será exatamente este o significado dado por Freud no texto de Psicopatologia da Vida Cotidiana ?

Se colocarmos como problemática a eleição do método em nossa pesquisa é porque percorrendo a bibliografia referente ao Teste de Pfister (teste no qual pretendemos nos aprofundar no presente trabalho), encontramos um reflexo da História da Psicologia, no sentido em que vão se sucedendo trabalhos em linha introspeccionista, psicofísica, estatística, fenomenológica.

É assim que, para o estabelecimento da significação das

*) in Muchielli, R. - "La notion de projection" - citado pelo Dr. Theodorus van Kolck no ano 1975 em Seminário realizado no processo de nossa orientação.

cores, por exemplo parte-se da teoria das cores de Goethe (uma descrição fenomenológica segundo Heiss e Halder , 1975) , passando-se depois por pesquisas sobre a psicofisiologia das cores, pesquisas com material de descrição (utilizando-se do método introspeccionista) e finalmente por pesquisas experimentais (veja-se Heiss e Halder, 1975 *)

Há algo em comum entre esses diferentes métodos : trata-se da separação entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento. Assim, no introspeccionismo enfatiza-se o lado do sujeito, ou seja, o próprio sujeito é que vai, a partir do seu interior, fornecer os dados para o conhecimento , ao passo que, na psicologia experimental procura-se extrair do objeto, isolado e purificado de nossas interpretações e inferências, o conhecimento do mesmo.

As pesquisas mais recentes com o teste de Pfister enquadram-se em sua maioria neste método experimental, apelando para a metodologia estatística, em busca de uma quantificação.

É importante, no entanto, lembrar neste momento a origem histórica dos testes projetivos, ou seja, que eles aparecem a partir da criação do termo projeção por Freud, como vimos acima e surgem como algo revolucionário, tendo uma visão do homem diferente daquela dos testes de aptidão; ou seja, que se pretende ver o homem como um todo, e "a personalidade como uma estrutura em evolução, cujos elementos construtivos se encontram em interação" (Anzieu, op cit, pg. 15).

*) in Heiss, R. e Halder, P.- "Der Farbpyramiden Test" - Verlag Hans Huber, Bern 1975, 2. Auflage, pg. 52-65.

Dentro do método estatístico, experimental, no entanto, procede-se elegendo o aspecto a ser pesquisado, a amostra (que deve ser representativa da população), aplicando-se o teste em condições tais que todas as variáveis estejam sob controle, operando-se então o tratamento estatístico, que nos fornece resultados em termos de média, que mantêm o aspecto estudado, isolado do todo do material de teste.

Garante-se assim, o isolamento entre sujeito e objeto e com isso a objetividade dos resultados, além de obter-se resultados numéricos.

Por que seria importante o número ? para responder a esta pergunta, vamos retomar a separação feita por Jaspers (1966, pg. 351 *) entre compreender e explicar.

Assim : "Nas ciências naturais tratamos de captar só uma espécie de relações : as relações causais. Tratamos de encontrar pelos experimentos ou pela reunião de muitos casos, regras do processo. Em um nível mais elevado, encontramos leis e alcançamos em alguns domínios da física e da química, o ideal de poder expressar matematicamente essas leis causais em equações causais ...

Isso pressuporia a completa quantificação dos processos examinados, ao passo que no psíquico, que segundo sua essência permanece sempre qualitativo, a quantificação não é possível nunca, em princípio, sem que o verdadeiro objeto de investigação, isto é, o objeto psíquico, se perca.

Enquanto nas ciências naturais só podem ser encontradas relações causais, em psicologia, o conhecer encontra sua

*) in Jaspers, K. - "Psicopatologia General" (1913) Editorial Beta, Buenos Aires, 3a. edição, /1966/, pg. 15-73 e pg. 351-367.

satisfação na captação de uma espécie muito distinta de relações. O psíquico "surge" do psíquico de uma maneira compreensível para nós ... Este surgir um após o outro do psíquico a partir do psíquico o compreendemos geneticamente" (Jaspers op cit, pg. 352-353). Jaspers refere-se a uma determinada compreensão do psíquico, que não o toma como comportamento, o qual só nos interessaria por seu aspecto observável externo.

Assim, na prática clínica à qual o teste de Pfister serve, trata-se de relacionar e integrar os dados de tal forma a facilitar a compreensão dos mesmos.

Entretanto, ao nos propormos a trabalhar dentro de uma linha estatística, passa a haver uma dicotomia entre essa prática clínica e a pesquisa do teste, que a serve como instrumento de diagnóstico. Pois, enquanto em clínica se está preocupado com o caso individual, a estatística vai trabalhar ao nível da generalização, servindo a uma cientificidade preocupada com o estabelecimento de leis gerais.

Essa generalização oferece em clínica, a nosso ver, um perigo, pois, quando diagnosticamos um determinado sujeito como esquizofrênico, por exemplo, porque 90% dos esquizofrênicos dão o mesmo tipo de resposta em determinado teste, estamos andando em círculos. A população de esquizofrênicos é resultado de nossa rotulação, de nosso recorte anterior e acaba servindo de critério para a rotulação do novo sujeito, sem auxiliar em nada na compreensão de seu comportamento e de sua dinâmica.

Consideremos, no entanto, que este rótulo tem um caráter estático, o qual ao nível vivencial do sujeito poderá fun

cionar como uma marca, mantendo-o isolado, por ter sido isolado durante o processo de pesquisa, pois este método ignora que a resposta dada ao teste é uma resposta dada a nós, em um determinado momento, e em um determinado contexto, e que portanto não pode ser reproduzida, e só poderá ser compreendida se encarada como fato único, ocorrido dentro da relação intersubjetiva.

Se introduzirmos neste momento a intersubjetividade é porque temos a intenção de, propondo uma volta ao método psicanalítico, do qual as técnicas projetivas se afastaram no momento de seu nascimento, propor com isto algo que é, em nossa opinião, uma descoberta fundamental de Freud : a de que nas ciências do homem, não se pode mais pensar em termos dessa dicotomia entre sujeito e objeto, mas que se trata de pensar sobre a relação intersubjetiva, ou seja, a relação de duas subjetividades. Assim, não vamos tomar o problema da estruturação do material produzido pelo sujeito, colocando-nos do lado de fora, mas sim do lado de dentro. Vamos ler o material, sem pretender estabelecer dados gerais, mas tentando compreender o caso individual estudado e a resposta dada ao teste de Pfister.

E com isto não pretendemos invalidar o método estatístico, mas apenas esclarecer que ele não serve ao nosso objetivo nesse trabalho, ou seja, o de compreender a estrturação do material de teste de Pfister em termos de tapetes desequilibrados.

III - O TESTE DE PFISTER - AS ESTRUTURAS

Em 1946 surge o teste de Pfister, um suíço que tem em sua carreira incursões em diversas atividades profissionais. De formação religiosa, estudou Arquitetura, foi bailarino famoso, coreógrafo e percorreu também a área da Psicologia, donde surgiu o teste de Pfister, como tese de conclusão de curso. O teste é fruto de experiências tidas por ele na coreografia, onde fazia exercícios nos quais deveria treinar expressar-se pensando em cada uma das cores (Vilemor Amaral, 1966 *).

Este ensaio de Pfister vai tomar uma maior vulto alguns anos mais tarde, quando Heiss e Hiltmann (1951) dedicam-se à sua validação.

É uma técnica de rápida aplicação (15 minutos em média), bastante acessível a qualquer tipo de sujeito (exceção feita aos cegos, cegos para cores, e crianças menores de seis anos), que serve ao psicólogo como excelente base de "rapport" com o sujeito, por seu feitio lúdico. Parece-nos, portanto, útil que nos dediquemos à sua pesquisa.

O significado atribuído ao modo de estruturação da pirâmide neste teste é um tanto vago e superficial dentro da bibliografia consultada, não permitindo uma compreensão mais aprofundada do material.

*) in Amaral, F.de V. - "Pirâmides Coloridas de Pfister"
CEPA, Rio de Janeiro, 1966, pg. 12.

Os próprios Schaie e Heiss (1964, pg. 138 *), que desenvolveram nos Estados Unidos um grande plano de pesquisa sobre o teste, relatam que seria necessário investigar melhor este ponto.

Esse teste tem como material três cartelas, onde se encontram desenhadas pirâmides divididas em quinze campos quadrados, e quadradinhos coloridos, distribuídos em dez cores (azul, vermelho, verde, amarelo, laranja, marrom, violeta, preto, cinza e branco), num total de vinte e quatro matizes (Az 1 a 4, Vm 1 a 4, Vd 1 a 4, Am 1 e 2, La 1 e 2, Ma 1 e 2, Vi 1 a 3, P, C, B). É solicitado ao sujeito que construa três pirâmides bonitas e três pirâmides feias.

O material do teste de Pfister oferece assim uma delimitação, que está exatamente na estrutura piramidal apresentada, e também no número de cores, e por outro lado, uma grande abertura de possibilidades de resposta, pois o sujeito poderá construir a pirâmide da melhor (pior) maneira que julgar, repetindo cores ou trocando-as, segundo sua necessidade.

O protocolo produzido pelo sujeito será analisado quanto à frequência das cores, síndromes, fórmula do processo e estruturas.

A seguir resumiremos o que se encontra na bibliografia (manuais do teste e pesquisas específicas) a respeito das estruturações possíveis no teste de Pfister.

Wewetzer (1951) sugeriu que os aspectos estruturais da pirâmide poderiam nos informar sobre aspectos estrutu-

*) in Schaie, K.W. e Heiss, R. - "Color and Personality, A manual for the Color Pyramid Test", Hans Huber, Bern/Suíça, 1964, 295 pg.

rais da personalidade (citação de Schaie e Heiss, 1964, pg. 138 *). Eles sugerem que a dominância da cor acompanha a estruturação lábil de personalidade, vista em crianças pequenas. Os padrões que envolvem separação de cores representam um estágio intermediário de diferenciação da personalidade. Finalmente a pirâmide onde predomina a estrutura é considerada como resposta típica de personalidade madura, estável, ou pelo menos bem diferenciada.

Assim encontraremos na bibliografia as estruturas divididas em três grandes grupos : os tapetes, as camadas e as estruturas propriamente ditas.

Essa divisão, no entanto, não é seguida por Spitsnagel (1955 **), que se dedica exclusivamente a pesquisar a estruturação no teste de Pfister e que discute este critério de classificação. Julga o critério mal estabelecido, pois não é unívoco, isto é, para ele existem na realidade dois critérios para a classificação das estruturas no TPC (Teste das Pirâmides Coloridas). Um deles é pictórico, utilizado para classificar tapetes, camadas, estrutura em manto, escada; o outro apoia-se na simetria, compreendendo as classificações em camadas simétricas, estrutura simétrica, estrutura assimétrico dinâmica, etc. Spitsnagel propõe-se então a encontrar um novo critério para classificar as estruturas e propõe a simetria, resultando como classificação um índice que conjuga cor e

*) in Schaie, K.W. e Heiss, R. - "Color and Personality, A manual for the Color Pyramid Test", Hans Huber, Bern/Suíça, 1964, 295 pg.

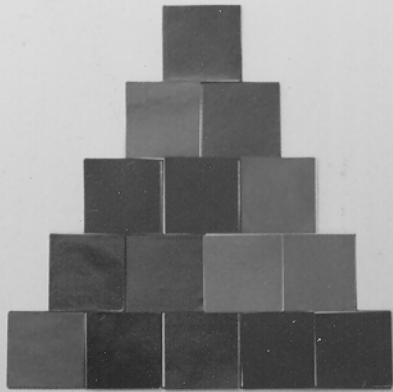
***) in Spitsnagel, A. - "Der Farb-Form Index im Farbpyramiden-Test" - Inaugural-Dissertation 1955. Não publicado.

forma (o índice cor-forma) o qual indicará : no índice de cor, o número de tonalidades diferentes escolhidas em uma pirâmide, significando psicologicamente o grau de suscetibilidade do sujeito; no índice de forma, o número de figuras parciais de estrutura (figura de plano, figura de polo, figura seriada, transposição) presentes, que indica a tendência à estruturação e no quociente de campo, o número de campos da pirâmide ocupados pelas cifras de cor, através do qual fica visível o grau de flexibilidade da estrutura, indicando este junto com o índice de cor a riqueza ou pobreza de formas, diferença de formas, etc. A fórmula esclarece também a que estímulo, dentro da situação de teste, responde predominantemente o sujeito, se à cor ou à forma, e com isso, qual das funções psíquicas é expressa. Dá também uma noção sobre o processo pelo qual passa essa tendência à cor ou à forma durante a situação de teste desde o início deste, podendo ser esse processo : linear (indicador de rigidez), descendente (timidez, recolhimento), ascendente (expansão, dilatação), linear máximo (expansão através da manutenção do estreitamento) e linear mínimo (coartação baseada na manutenção de expansão).

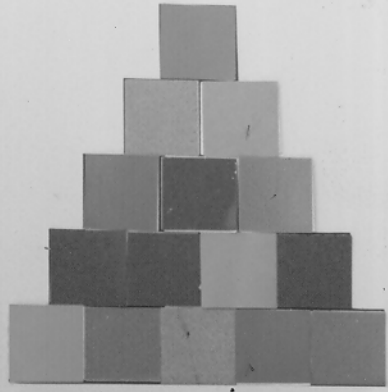
O trabalho de Spitsnagel, no que se refere ao índice cor-forma consiste apenas na sua idealização e validação, ficando em aberto a parte interpretativa e foi aparentemente abandonado, uma vez que as pesquisas posteriores referentes à forma continuam seguindo a classificação tradicional, que segue.

Os tapetes, padrões que envolvem dominância da cor, como

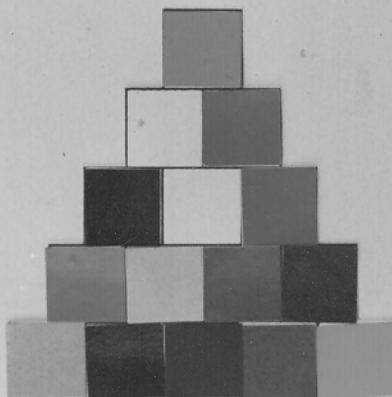
NOTA : (Verificar as ilustrações fotográficas colocadas a seguir. Ressaltamos o fato de não estarem as cores reproduzidas fielmente, em razão da distorção sofrida na revelação).



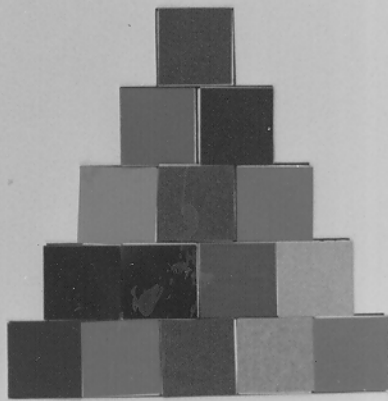
TAPETE DESEQUILIBRADO



TAPETE PURO



TAPETE FURADO OU RASGADO



TAPETE ESTRUTURADO

se referem Schaie e Heiss, ou forma desordenada, como os chamariam Justo e Kolck (1976, pg. 106*) ou dilatação de cor (Spitsnagel 1955, pg. 40 **), podem aparecer em quatro formas ; o tapete puro, o tapete desequilibrado ou disperso, o tapete furado ou rasgado, o tapete estruturado ou com início de ordenação. (Citamos aqui os diferentes nomes com que aparecem as diferentes estruturas, na bibliografia consultada).

Ainda no que se refere aos tapetes, tem Spitsnagel algo a acrescentar. Afirma serem os tapetes característicos das pirâmides feias, em oposição às estruturas, caso característico das pirâmides bonitas. Isto ocorreria em decorrência da instrução, onde bonito é vivido psicologicamente como integração, do que segue : tensão, adaptação da cor à forma, controle, possibilidade de relação afetiva; e feio é vivido como desintegração, donde resulta : múltipla interpretação da estrutura, como ocorre no tapete, aparecimento de figuras parciais de estrutura como preponderantes, capacidade perturbada dessas funções parciais, menor capacidade de adaptação aos estímulos.

Adam e Schneevoigt (1963 ***), em sua pesquisa que procu

*) in Justo, H. e Kolck, T. van - "O teste das pirâmides de cores - Vetor Editora, São Paulo, - 1976, 179 pg.

***) in Adam, A. und Schneevoigt, I. - "Abhaengigkeit der Formung von Alter, Geschlecht, Beruf bzw. Schulbildung" Beitrag zum FPT, 1963, pg. 35 (não publicado).

***) in Adam, A. und Schneevoigt, I. - "Abhaengigkeit der Formung von Alter, Geschlecht, Beruf bzw. Schulbildung" Beitrag zum FPT, 1963, pg. 35 (não publicado).

ra detectar a dependência do tipo de estruturação em relação a idade, sexo, profissão e grau de instrução, concluem ser o tapete mais freqüente em mulheres do que em homens; nos homens, naqueles de idade entre quarenta e cinco e setenta e cinco anos, nas mulheres, naquelas de baixo nível de instrução.

E finalmente, Bauer e Vogt (1963 *) constataam que os tapetes diferenciam-se significativamente das camadas e estruturas pela maior utilização das seguintes tonalidades : Az 4, Vd 1, Vm 1, Ma 1 e Vi 2 e das estruturas pela maior utilização de Am, La, Ma, Vi, P e C.

a) Tapete puro

Justo e Kolck (1976 - pg. 107 **) descrevem-no como caracterizado por uma procura de harmonia de cores, e portanto de afeto, uma vez que a cor, no teste de Pfister, estaria evocando a afetividade do sujeito.

Schaie e Heiss procuram tornar a definição mais objetiva, colocando como critérios a ausência de kontras-

*) in Bauer, W. und Vogt, R. - "Ueber Farb-Form-Zusammenhaenge" - Beitrag zum FPT, 1963, pg. 18 (não publicado).

**) in Justo, H. e Kolck, T. van - "O teste das pirâmides de cores" - Vetor Editora, São Paulo, 1976, 179 pg.

NOTA : É importante lembrar que essas pesquisas são realizadas todas elas em população alemã.

te violento de cor (operacionalizado em tabelas, ver Schaie e Heiss 1964, pg. 56 *) e ausência de etiquetas contíguas da mesma cor.

Não seria típico de sujeitos lúbeis, uma vez que, para a sua realização é necessária muita concentração e atenção. Seria raramente encontrado em crianças e poderia ser interpretado como evidência de flexibilidade criativa, particularmente quando não há indícios de patologia nos escores de cor. É mais frequente em mulheres do que em homens.

O desordenado equilíbrio do tapete puro parece ser indício de vida afetiva harmoniosa, maleabilidade criadora, sendo a ausência de ordem, porém, um sinal de possível inconstância estrutural.

b) Tapete desequilibrado ou disperso

Há uma dispersão das cores, colocadas mais ou menos ao acaso. Falta-lhe harmonia, substituída aqui pelo acúmulo de tonalidades da mesma cor ou pelo contraste de matizes claros e escuros.

É característico da personalidade pré-pubertária, e é muito frequentemente visto nos protocolos de crianças pequenas.

É interpretado como evidência de desassossego e falta de estabilidade nos modos habituais de ajustamento.

*) in Schaie, K.W. e Heiss, R. - "Color and Personality, A manual for the Color Pyramid Test" Hans Huber, Bern/Suíça, 1964, 295 pg.

c) Tapete furado ou rasgado

Caracterizado pela elevada escolha do branco, que não se enquadra na harmonia do conjunto.

É evidência de perturbação de personalidade sendo freqüentemente encontrado em protocolos de esquiso-frênicos.

Wewetzer sugere que seja interpretado como sinal de desintegração progressiva da personalidade.

d) Tapete estruturado ou com início de ordenação

Caracterizado pela colocação das mesmas cores nos ângulos ou no eixo, no centro e no vértice. Pode aparecer sob a forma de início de camadas ou de estruturas simétricas. O conjunto pode se parecer com um tapete puro ou disperso.

É interpretado como evidência de diferenciação crescente da personalidade e esforço para a obtenção de conduta estável, ou, como capitulação da vontade, crise da estrutura interna.

É freqüentemente encontrado em adolescentes.

A tentativa de estruturação pode ser descrita como sinal de flexibilidade, se aparecer numa pirâmide que tenha também características de tapete puro. Numa pirâmide com características de tapete desequilibrado, provavelmente representará presença de defesas construtivas contra o sentimento de instabilidade. A tentativa de estruturação será considerada mais constru-

tiva se envolver preferentemente os cantos ou o eixo da pirâmide, do que se for limitada a uma única camada :

As camadas, padrões que envolvem a separação de cor (ou equilíbrio cor-forma - Spitsnagel 1955*), indicam diferenciação consideravelmente maior do que as dos tapetes. Revelam, por outro lado, compartimentalização, reações rígidas e pouca imaginação na estruturação da experiência do sujeito.

São mais freqüentes nos homens e nestes, mais freqüente naqueles de idade entre dezoito e quarenta e quatro anos, segundo Adam e Schneevoigt (1963 **).

De acordo com Bauer e Vogt (1963 ***), as camadas diferenciam-se de estruturas e tapetes, pois nas camadas aparece significativamente menos Am, aparecendo Vm, Ma e P, significativamente mais nas camadas do que em tapetes.

Podem aparecer em cinco formas, conforme se encontra na bibliografia consultada : pirâmide monocromática, camadas monocromáticas, camadas policromáticas, camadas simétricas, camadas estruturadas ou com início de ordenação.

*) in Spitsnagel, A. - "Der Farb-Form Index im Farbpyramiden-Test" - Inaugural-Dissertation 1955 (não publicado).

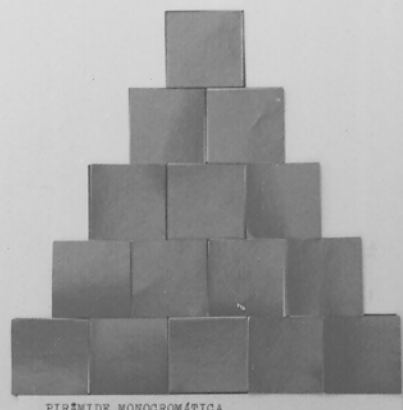
***) in Adam, A. und Schneevoigt, I. - "Abhaengigkeit der Formung von Alter, Geschlecht, Beruf bzw. Schulbildung" - Beitrag zum FPT, 1963, pg. 35 (não publicado).

****) in Bauer, W. und Vogt, R. - "Ueber Farb-Form-Zusammenhaenge", Beitrag zum FPT, 1963, pg. 18.

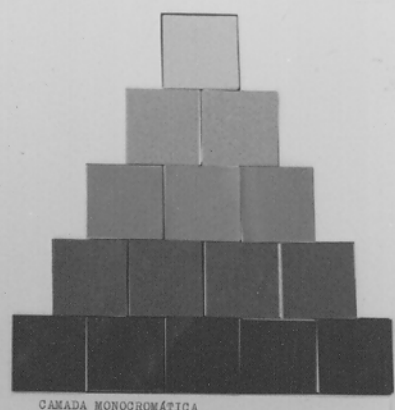
a) Pirâmide monocromática

Formata por um só tom.

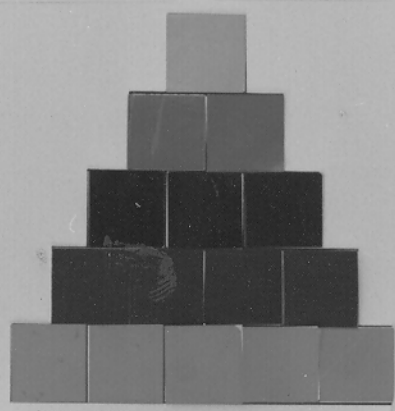
Spinnaker (1975 - pp. 38 *) citou este tipo de estrutura



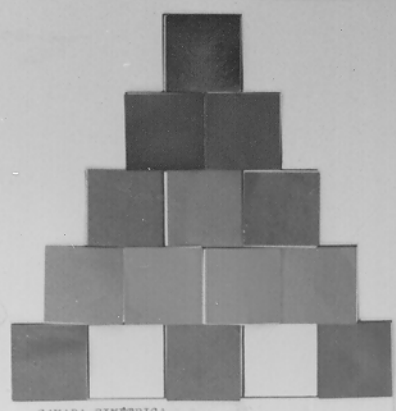
PIRÂMIDE MONOCROMÁTICA



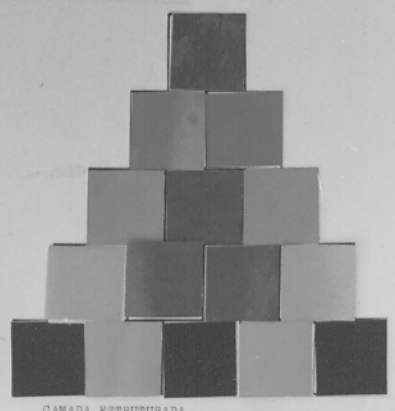
CAMADA MONOCROMÁTICA



CAMADA POLICROMÁTICA



CAMADA SIMÉTRICA



CAMADA ESTRUTURADA

*) In Schale, H.W. e Weiss, R. - "Color and Personality. A manual for the Color Personality Test" Hans Huber, Bern/Peique, 1964, 253 pp.

**) In Justo, H. - "O teste das pirâmides de cores" PUCRS, 3a. edição, 1972, 123 pp.

a) Pirâmide monocromática

Formada por uma só cor.

Spitsnagel (1955 - pg. 58 *) citou este tipo de estruturação entre os casos em que a estimulação da forma piramidal é de tal forma importante para o sujeito, que ele vai responder praticamente só a ela, sem levar em conta a cor. Seria característico de sujeitos portadores de um controle formal extremo, afetivamente coartados.

b) Camadas monocromáticas

Estrutura formada de uma só cor, apresentada com os matizes graduados, geralmente os mais escuros na base e progressivamente os mais claros nas camadas seguintes, em direção ao topo da pirâmide.

Citam os autores acima tratar-se de estrutura presente em oligofrênicos e hebefrênicos, e em crianças afetadas por perturbações psíquicas.

É interpretada como evidência de negação, ou de tentativa ativa de um sujeito negativista para se esconder e interferir na interpretação do teste (Schaie e Heiss **).

Revela, em geral, adaptação afetiva feita de forma cautelosa (Justo ***).

*) in Spitsnagel, A. - "Der Farb-Form Index im Farbpyramiden-Test", Inaugural-Dissertation, 1955 (não publicado).

***) in Schaie, K.W. e Heiss, R. - "Color and Personality, A manual for the Color Pyramid Test" Hans Huber, Bern/Suíça, 1964, 295 pg.

***) in Justo, H. - "O teste das pirâmides de cores" - PUCRS, 5a. edição, 1972, 123 pg.

c) Camadas multicromáticas ou policromáticas

Cada linha horizontal da pirâmide é formada de uma cor.

Deve-se considerar o grau de contraste de cor entre as camadas, para determinar se seria mais válida uma interpretação numa linha de um modo rígido de resposta ou de tendência a apresentar distúrbio de personalidade.

d) Camadas simétricas

Há ordenação simétrica das cores nas linhas horizontais, mas sem entrosamento entre as linhas.

É interpretado como evidência de cautela e timidez, em indivíduos razoavelmente bem diferenciados e relativamente estáveis.

e) Camadas estruturadas, ou com início de ordenação

Há início de entrosamento entre as linhas.

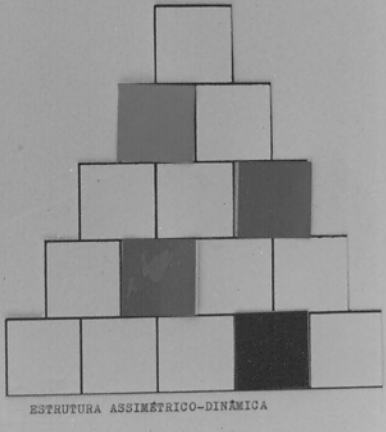
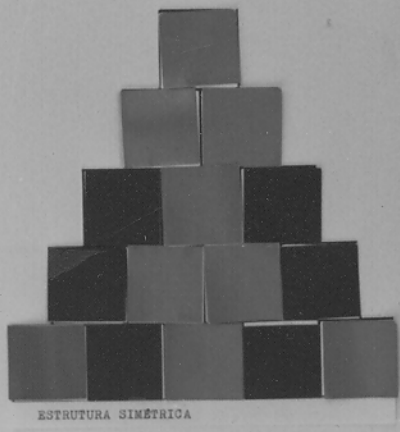
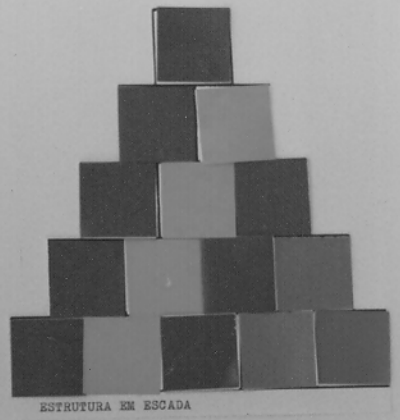
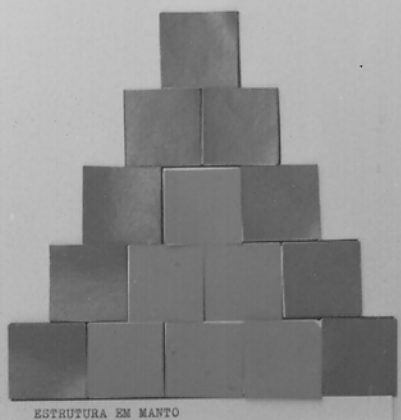
É própria de indivíduos que se acham no limiar da maturidade psicológica, mas ainda ligados a alguma estereotipia e não muito seguros de que podem confiar em seu próprio julgamento e experiência. Sua significação mais precisa decorre do tipo de camada utilizada.

É comum no final da adolescência ou em pacientes que evoluem em um processo psicoterapêutico.

As estruturas ou padrões que envolvem dominância ou dilatação da forma são característicos de adultos normais

sem diferenciação, mas, sobretudo, as mulheres do que as
homens (Adas e Schrevelot, 1963, p. 11).

Podem ser reconhecidas algumas categorias de estruturas
organizativas:



Os conflitos envolvendo serão provavelmente mais freqüentes
na o nível contiver muitas unidades organizativas.

*) In Adas, A. and Schrevelot, J. - "Administração da
Parteira von Altes, Göttingen, 1963, p. 11.
dos Schulzinger" - Boletim da F.P.T.,
1963, pp. 11-12 (publicação).

bem diferenciados, mais freqüentes em mulheres do que em homens (Adam e Schneevoigt - 1963 *).

Podem aparecer segundo quatro categorias : as estruturas simétricas, estruturas em manto, estruturas em escada e estruturas assimétrico-dinâmicas.

a) Estrutura simétrica

A pirâmide como um todo vem organizada obedecendo à sua simetria. Há, portanto, comunicação entre as linhas da pirâmide.

É um padrão maduro e adaptado, se acompanhado por escolha de cores dentro dos limites normais ou em direção aos extremos favoráveis. É em geral expressão de estabilização, resultado do equilíbrio da vida afetiva.

b) Estrutura em manto

Pertence à classe das estruturas simétricas, onde os lados externos são da mesma cor, caracterizando uma capa.

É evidência de tendência ao encobrimento. Denota controle dos impulsos como defesa contra necessidades emocionais específicas. É evidência de repressão e deslocamento. A cor do manto representa o controle e o núcleo, as necessidades emocionais de que o sujeito se defende.

Os conflitos envolvidos serão provavelmente mais fortes se o núcleo contiver muitas cores diferentes.

*) in Adam, A. und Schneevoigt, I. - "Abhängigkeit der Formung von Alter, Geschlecht, Beruf bzw. Schulbildung" - Beitrag zum FPT, 1963, pg.35 (não publicado).

c) Escada

As cores são colocadas de modo a formar uma escada.

Sua presença pode indicar conflitos agudos e problemas neuróticos focais em uma personalidade bem diferenciada.

d) Estrutura Assimétrico-Dinâmica

A pirâmide é apreendida em sua tridimensionalidade e se constrói uma estrutura, que traz em si um movimento e que não respeita a simetria da figura. É o modo mais maduro e flexível de manipular a pirâmide. Indica imaginação e habilidade para transcender as respostas estereotipadas.

Fora dessa linha, há o trabalho de Timm (1963 *) que pesquisa a influência de modelos estruturados de diferentes maneiras sobre o grau de estruturação da resposta. Escolhe quatro diferentes modelos : um completamente assimétrico, um retangular, a pirâmide standard e uma estrela. Constata que há uma correlação entre o grau de estruturação das respostas e o grau de estruturação do modelo, mas que mais forte que esta influência heterógena sobre a resposta é a influência autógena do próprio probando, que corrobora o valor diagnóstico das estruturas, cuja confiabilidade é de 0,67 para uma única estrutura, e aumenta em 0,86 na interpretação das três pirâmides.

*) in Timm, U. - "Der Einfluss verschieden strukturierter Vorlagen auf die Formungen" Beitrag zum FPT, 1963, pg.1 (não publicado).

Finalmente Brengelmann (1953 *) procura relacionar os diferentes tipos de estrutura a grupos de sujeitos normais e patológicos, nada tendo encontrado de significativo nesta linha de raciocínio.

Gostaríamos de chamar a atenção ao modo rudimentar como se apresentam essas interpretações.

Nosso interesse particular se refere às estruturas em tapetes, tão freqüentes em nossa população, e podemos dizer quase como que uma característica da população paulista de classe baixa e média baixa, segundo nossa experiência.

Cabe salientar aqui que as definições e interpretações com que trabalhamos no Teste das Pirâmides Coloridas são todas provindas de pesquisa realizada na Alemanha e nos Estados Unidos. E, talvez, aquilo que para essas culturas apareça como caso especial, seja justamente o característico em nossa população.

Fica então muito insatisfatória a interpretação dada a este tipo de estrutura, que seria de acordo com a bibliografia acima característico de personalidades indiferenciadas. Desta forma, testando dois sujeitos de características completamente diferentes, acabaremos obtendo o mesmo perfil no teste de Pfister.

Lembramos ainda que, por ser este tipo de estrutura caracterizado pela escolha de todas ou quase todas as co-

*) in Brengelmann, J.C. - "Formale Gestaltungen im Farbp
pyramiden-Test als Funktion normaler
und abnormaler Versuchsgruppen" Psychol.
Rundsch., Band IV, 1953, pg.164.

res, dispostas de forma desordenada, acaba-se por obter um escore de cor médio, ao passo que nos outros tipos de estrutura torna-se mais provável obter-se uma diferenciação maior também no que se refere a este aspecto. Forma-se assim um círculo vicioso em que nos escapam as características do sujeito, que não se diferencia nem quanto à forma como estrutura suas pirâmides (tapetes), nem quanto às cores que nelas utiliza.

Por outro lado, se pensarmos que, por se tratar de uma combinação de todas cores em cada realização do sujeito, pode-se imaginar que cada uma destas realizações é muito peculiar, quase única e que traz portanto toda uma riqueza que devemos estar deixando escapar.

Nossa hipótese, no presente trabalho, será portanto que a estruturação em tapete, embora não preenchendo os requisitos estabelecidos pela figura piramidal, contém uma organização específica que conduz a uma melhor compreensão diagnóstica do caso.

IV - O CASO - UMA ILUSTRAÇÃO

Serã utilizado um caso diagnosticado na Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, do qual foram extraídos a anamnese e o protocolo do teste de Pfister.

A - ANAMNESE

Dados de identificação

Nome - M.J.A.C.

Idade - quarenta e seis anos, nascimento - 4/4/1931

Sexo - feminino

Estado civil - casada há vinte e dois anos

Nacionalidade - brasileira

Ofício - servente

Motivo do estudo

Foi solicitado pela própria paciente.

Suas palavras, ao ser perguntada pelo motivo da consulta, são:

- "Tenho a impressão de que tenho tudo isso é de meu trauma de criança, é que vi minha mãe matar meu pai. Jogou água fervendo com soda e ele morreu disso, então não foi ela quem matou?"

A paciente tinha cinco anos quando isso aconteceu. Sua mãe era pobre. Vendia flores e xuxu para ganhar um dinheirinho. O pai era guarda-civil. Ele batia na mãe. Mesmo sabendo disso, a paciente gostava do pai. O pai era da Rádio Patrulha, dormia de dia e trabalhava à noite. Neste dia estava dormindo no chão e roncava (em geral gostava de tomar vinho, e era a paciente quem ia sempre

buscar o vinho para ele) - a paciente afirma nesse momento não gostar de gente que ronca. Seu irmão, que devia ter entre nove e dez anos, estava brincando na rua e nada viu. Ela viu a mãe pôr uma lata de água de quinze litros no fogo, colocar soda dentro da lata e despejar tudo em cima do pai. O pai saiu gritando, a mãe fugiu. A paciente diz que poderia ter gritado e salvado o pai, mas não entendia o que a mãe estava fazendo. Diz ouvir até hoje o pai gritando e a sirene da ambulância.

No mesmo dia diz ter sido interna no colégio de freiras, onde recebeu educação rígida e onde ficou até os quinze anos. Lá aprendeu só a fazer "tricot" e apanhou muito das freiras sem razão justificada, pois não era uma criança rebelde.

Quando saiu do colégio de freiras, reencontrou pela primeira vez a mãe - "ela ficou emocionada, mas eu não". A sua grande decepção é que enquanto esperava a mãe no orfanato, esta estava no Rio constituindo outra família.

Foi então para a Liga das Senhoras Católicas, onde ficou até os vinte e um anos. Aí trabalhou em casa de família, era muito revoltada e não parava em lugar nenhum. Aos vinte e três anos casou-se, após um ano de namoro e noivado.

Diz que costuma controlar sua agressividade, pois tem medo de cometer algum crime.

Sua atitude na primeira entrevista é de muita desconfiança. Conta suas experiências anteriores com tratamentos psicológicos.

No semestre anterior tratou-se no setor de Aconselhamento Psicológico, mas não gostou, porque lá era só "conversação" e não se receitavam remédios. Ela acha que o seu caso não é este. Sentiu o tratamento como um treino de conversação.

Foi atendida por uma japonesa e diz que isso dificultava muito as coisas, pois a moça não entendia nada sobre a religião católica, à qual atribui muitos de seus problemas.

Há muito tempo, tratou-se com um psiquiatra que lhe receitou um calmante sem antes ter estudado muito bem o caso, e o remédio lhe fez muito mal. Ela ficou muito esquisita, não se sentia bem de jeito nenhum.

Diz que gosta de beber, não que seja alcoólatra, declarando que o vinho ajuda a descer a menstruação. Quando tomou este remédio perdeu a vontade de beber. Ficou com raiva do psiquiatra, pois acha que ele lhe deu este remédio por julgá-la uma alcoólatra.

Seu marido trabalha na aeronáutica e ela costuma tratar-se lá. Fez terapia com um médico de lá e parece ter gostado muito. Atualmente interrompeu o tratamento, uma vez que o médico teve que ir para o Rio de Janeiro, onde trabalha agora. Fala deste médico como muito avançado, atribuindo a ele o fato de ter ficado mais aberta em suas idéias em relação a sexo. Foi criada por freiras e tem uma formação totalmente católica. Diz que este terapeuta insinuava que ela deveria libertar-se sexualmente e ela foi se libertando.

Sua expectativa em relação ao nosso atendimento é que lhe digamos o que deve fazer com a mãe, que ainda vive e

vem esporadicamente a São Paulo.

Quer também saber se ela é normal ou não. Fala que tem desejo de submeter-se a um EEG, mas tem medo de queimar o aparelho pois tem a cabeça muito quente.

Descrição sintética do grupo familiar e de outros que tiveram ou têm importância na vida da entrevistada

Dona Maria Júlia é casada há vinte e dois anos. Seu marido trabalha no Campo de Marte como eletricitista civil. Ele é crente e ela se converteu, ao casar-se com ele. Ela descreve o marido como muito sossegado, enquanto ela é muito preocupada (tem, por exemplo, duas filhas que estão na carreira artística e diz que o marido não se importa com isto, ao passo que ela se preocupa muito).

Dona Maria Júlia refere-se ao fato de não querer ter relações sexuais com o marido, mas insinua ter vontade de traí-lo. Diz que até o casamento ela era pura, não sabia das coisas, não viveu antes de se casar. Só rezava e fazia "tricot". Era totalmente controlada pelas freiras, mesmo depois de ter saído do convento, quando trabalhava em casa de família, sob a orientação da Liga das Senhoras Católicas. O marido, pelo contrário, viveu bastante antes de se casar com ela, e agora, enquanto ela quer viver, o marido pensa em descansar. O marido é rancoroso, quando não gosta de uma pessoa, fica anos sem falar com ela.

Dona Maria Júlia já não, ela logo estoura, põe tudo para fora, mas depois evita a pessoa para que a briga não se repita. (sic)

Dona Maria Júlia tem cinco filhos :

filha - vinte e um anos filha - quatorze anos filho - doze anos
filha - dezessete anos filho - treze anos

Curiosamente, ao falar de suas gestações e partos, referiu-se apenas às duas primeiras filhas. Ao ser perguntada depois a respeito, diz que não costuma se referir aos outros três filhos, pois estes não lhe dão muito trabalho.

Perdeu o segundo filho por toxemia - a criança nasceu morta. Tinha a pressão alta demais, sentia sufocação. Fez tratamento com um médico espírita (por causa do marido). Só no final da gravidez foi a um médico normal, que lhe receitou coramina. A barriga abaixou e ficou mole. Acha hoje, que neste momento a criança morreu. Teve um parto rápido, normal.

Na terceira gravidez ficou com medo, tinha a barriga torta. Confiava muito no médico que a atendeu. O parto foi Cesariana, pois a criança estava sentada.

O primeiro parto não foi bem. Ficou quatorze horas com oxigênio, a criança ao nascer chorou fraco. Essa filha tem convulsões. Atualmente dedica-se à vida artística. Dona Maria Júlia preocupa-se com o futuro da filha. Diz, no entanto, que as filhas não ajudam em casa. Não se pode contar com o dinheiro delas.

A terceira filha teve parto normal, embora este tenha-se retardado treze dias.

Na gravidez de seu quarto filho, teve um rompimento de bolsa no sétimo mês. Ficou de pé para cima para reter a crian

ça, que nasceu oito dias antes da data, com dois kg e 600. Tem boa saúde. Teve bronquite e água nos testículos (hidrocele).

O último filho (doze anos) tinha a cabeça muito grande e pesava muito. Ela foi para o hospital antes da hora e queria ficar lá, mesmo sem estar ainda em trabalho de parto.

Teve um aborto no ano passado.

Ao falar sobre a amamentação, refere-se apenas à amamentação das filhas mais velhas e diz que não teve leite. Fala sempre das gestações e partos de seus filhos, paralelamente ao falar da gestação e amamentação dela mesma. Sua mãe tinha muito leite e ela (paciente), não.

Relata, no entanto, ter amamentado a segunda filha até o sétimo mês, com auxílio de mamadeira.

Sua família atual pareceu-nos, entretanto, de importância secundária na dinâmica de Dona Maria Júlia, que ainda está muito envolvida com sua família de origem. Esta era composta por :

Pai	-	mãe	-	irmão mais velho	-	Dona Maria Júlia
(morto)		(viva, com		(nasceu em 1928)		(nasc.1931)
		mais de ses-				
		senta anos)				

Dona Maria Júlia diz que o tempo que viveu com a mãe (até os cinco anos), via-a como "Santa Mãe". Agora põe em dúvida tudo o que ela diz.

Ficou sabendo que sua mãe casou grávida de seu irmão. Seu pai era mau, bateu na mãe durante a gravidez e deu um choque nela com uma tomada. O irmão sofre de angina e a pa-

ciente não sabe se é por causa do choque.

A mãe conta também que o pai deu um pontapé na barriga dela quando esta estava grávida da paciente. A mãe ficou com a barriga torta, e a paciente nasceu com a perna torta. A mãe conta ter enfaixado a perna da criança que ficou boa então. A paciente nasceu sentada.

Dona Maria Júlia diz, no entanto, não acreditar nessa história (de que a barriga ficou torta por causa do pontapé), pois sua segunda filha também nasceu sentada e ela também tinha a barriga torta por essa razão.

Ao contar esses episódios sobre seu nascimento, diz que acha que sua mãe tem mais saúde do que ela mesma. Sempre teve leite, amamentou a paciente no peito.

Diz que às vezes tem um instinto de querer uma mãe amorosa, mas sua mãe não é, só com os filhos do segundo casamento.

A paciente conta também que ao casar-se foi passar a lua-de-mel no Rio. Sua mãe duvidou de seu casamento, foi maliciosa, mas a paciente não entendeu na época o que ela queria dizer. Só hoje entende.

Sente-se a mais prejudicada de todos, pois sua mãe está bem, seu irmão também. Este foi criado interno também, mas teve mais sorte, pois conseguiu ter um ofício, é contador. Está bem de vida. A paciente conta morar em uma casa que é do irmão. Ele é técnico de contabilidade da prefeitura.

Sua mãe tem dois filhos do segundo casamento, os quais a paciente acredita serem muito bem tratados por ela.

Contou também, quando perguntada a respeito de mortes em sua família, que morreram dois irmãos seus, menores do que ela, antes de ela ir para o colégio interno. Lembra que sua mãe gostava muito de um deles, de nome Armando. Do outro não se recorda, lembra-se apenas do carro funerário. É importante notar que a paciente fala desses dois irmãos como um parêntesis, não os tendo incluído em seu relato sobre sua família.

Outro personagem importante que aparece no relato da paciente é sua madrinha, uma portuguesa muito bonita, casada, de posses, que ainda vive. Conta que seu pai teve um caso amoroso com ela, e que até seu nome tem sua origem nesse caso (o pai queria que ela tivesse o nome da madrinha - Maria Júlia - e a mãe queria que ela se chamasse Maria Aparecida - daí resultou seu nome - Maria Júlia Aparecida). Manteve contato com essa senhora durante todo o tempo em que esteve interna, fato que ajudou a que ela fosse um pouco mais bem tratada pelas freiras.

Diz que teve uma infância muito boa ao lado da mãe, por causa da madrinha, que a mimava muito, e passava a maior parte do tempo em sua casa. Afirma também que sempre foi muito bem alimentada, pois a madrinha tinha um sítio e provia os alimentos da criança.

A mãe conta que na ocasião do nascimento da paciente ela surpreendeu o pai com a madrinha na cama e que a madrinha fugiu. Essa história teve de ser abafada, porém, pois a madrinha era uma pessoa de posição.

Dona Maria Júlia relata que viu várias vezes o pai bater na mãe, mas que mesmo assim não tinha raiva dele. Ficava grudada na saia da mãe enquanto esta apanhava, e o pai a chamava de "puxa-saco da mãe". Conta também um episódio

em que o pai jogou um pacote de compras dentro do poço. A paciente gostava do pai apesar de tudo, tinha orgulho dele, gostava de sua farda de guarda-civil.

Outro ambiente que aparece como importante na constelação da paciente é o seu ambiente de trabalho. Dona Maria Júlia narra uma briga que teve com uma colega de serviço, uma japonesa que é muito sua amiga. A japonesa pediu que ela servisse café fora do seu horário de trabalho em um dia em que ela estava fazendo hora extra, e ela não quis servir. Aí ela ouviu as colegas cochichando e ficou desconfiada de que fosse a seu respeito. Ficou invocada e foi-se trancar no banheiro ("que criancice") e ficou lá dentro até as sete horas, sem falar com ninguém, fazendo "tricot". Só saiu do banheiro, quando a japonesa foi embora.

Conta também a respeito da chefe do Departamento de Pessoal, que é uma pessoa que tem uma moral diferente, mais avançada, e que, por causa dela a paciente acabou mudando a sua própria moral. Era muito beata. No serviço tinha que ouvir piadas fortes e acabou tendo que aceitar o jeito das colegas para não perder o emprego.

O diretor também tem um jeito pesado, malicioso de tratar as pessoas. Hoje está acostumada com isto, não que goste.

Gosta de um dos diretores, que é fino, mas é simples e não deixa ninguém tomar liberdade com ele, e não toma liberdade também.

É muito brincalhona no serviço, para não ficar mal humorada, para não ter mau pensamento.

Ainda sobre sua mãe, diz estar preocupada com sua chegada a São Paulo agora em setembro. Não sabe como lidar com a mãe, diz saber que a mãe está com medo de enfrentá-la.

Conta, então, que a mãe está com água no joelho, tem diabetes e sofre do coração.

Doenças da paciente

Quando pequena tinha hérnia - foi operada com sete anos, quando entrou para a escola.

Tinha também muita dor de cabeça quando era pequena e como não se usava tomar comprimido naquela época, a mãe punha batatinhas em sua testa.

A mãe costuma dizer que a paciente teve meningite quando era pequena, e que por esta razão ela tem esse mau gênio. A paciente não acredita, pois acha que a mãe não diz coisa com coisa. Seu irmão conta que ela teve febre alta, mas não confirma a história da meningite.

Atualmente melhorou a dor de cabeça.

Sempre passa mal por causa da menstruação. Ficou menstruada sem saber de nada, ninguém lhe explicou nada, pois foi criada em uma escola de freiras. Tinha então dezesseis anos. Não contou nada para a patroa, porque tinha vergonha. Sente-se mal quando está menstruada, tem dor nas pernas, cólica. É muito regular, só tendo atrasado uma vez, quando teve muita dor de cabeça. A menstruação mexe com o fígado, o estômago, cabeça, tudo.

Sente também como doença o seu nervosismo, é muito preocupada e irritadiça.

Sempre foi um pouco anêmica.

Doenças na família da paciente

Não sabe referir-se a doenças na família, pois conviveu muito pouco com seus parentes.

Relata que a mãe justifica sua atitude em relação ao pai por ser ela mesma louca, mas a paciente não acredita. O próprio padrasto diz que ela fez um tratamento (esteve com as freiras do Bom Pastor, mas não em psiquiatria), a paciente, porém, não considera isto um tratamento. Acha que a mãe tem ótima saúde, melhor que a sua, não é anêmica e sempre amamentou os filhos.

Morte na família

Refere-se à morte de dois irmãos menores, antes de ela ir para o colégio. Conta que a mãe gostava muito de um deles (Armando), mas não se lembra do outro, só lembra do carro funerário. Não sabe contar a causa dessas mortes.

Conta também a respeito da morte de um de seus tios maternos (tem dois), que a pegava no colo e tratava muito bem da menina.

NOTA : Procuramos deixar a linguagem, o mais próxima possível, daquela apresentada pela paciente, para que o leitor possa imaginar como ela se expressa.

B - O PROTOCOLO DO TESTE DE PFISTER

O teste de Pfister foi aplicado em uma das salas da Clínica Psicológica da USP, obedecendo a condições de boa iluminação natural.

Foi mostrada ao sujeito uma prancha de cartolina, na qual estava impressa uma pirâmide (figura dividida em quinze campos quadrados de 2,5 cm de lado), e vários quadrados coloridos de 2,5 cm de lado cada um, e lhe foi pedido que construísse, com esse material, uma pirâmide, preenchendo os quadrados da cartela com quadrados coloridos, da forma mais bonita que pudesse. Esclareceu-se que a paciente poderia fazer mudanças e repetições de cores como bem desejasse.

No final da primeira pirâmide apresentou-se uma segunda e depois uma terceira prancha.

Como a paciente tivesse feito a terceira pirâmide utilizando as cores da bandeira do Brasil, e confirmasse a intenção de o fazer quando perguntada sobre isso solicitou-se então que construísse uma quarta pirâmide bonita. A técnica de aplicação do teste de Pfister utilizada aqui é a técnica usual, tal como aparece nos manuais.

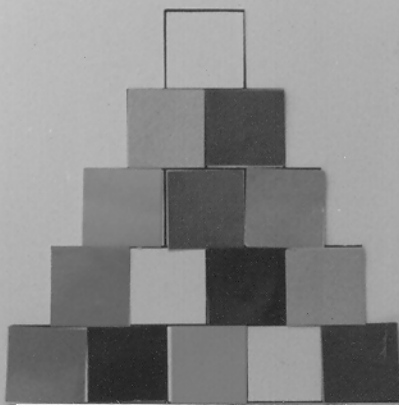
Ainda obedecendo à forma usual de aplicação solicitou-se à paciente que construísse então pirâmides feias, em número de três, obedecendo às mesmas instruções que se deram para as pirâmides bonitas. E, após a aplicação do teste, perguntou-se à paciente, entre as pirâmides bonitas, de qual ela mais gostava e de qual ela menos gostava, repetindo-se este procedimento, também usual, com as pirâmides feias.

Para facilitar a leitura do protocolo, gostaríamos de lembrar tratar-se de vinte e quatro tonalidades de cor que aparecem no material do teste de Pfister, e que se distribuem da forma seguinte :

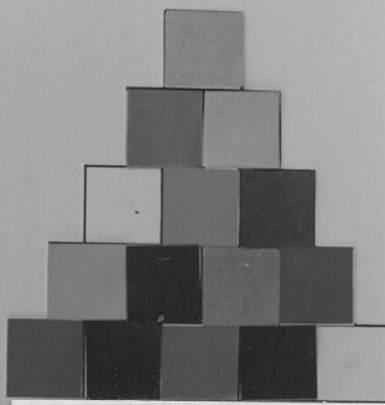
- quatro tonalidades de azul, codificadas como Az 1, Az 2, Az 3, Az 4.
- quatro tonalidades de verde, codificadas como Vd 1, Vd 2, Vd 3, Vd 4.
- quatro tonalidades de vermelho codificadas como Vm 1, Vm 2, Vm 3, Vm 4.
- duas tonalidades de amarelo, codificadas como Am 1, Am 2.
- duas tonalidades de laranja, codificadas como La 1, La 2.
- duas tonalidades de marrom, codificadas como Ma 1, Ma 2.
- três tonalidades de violeta, codificadas como Vi 1, Vi 2, Vi 3.
- uma tonalidade de branco, codificada como B.
- uma tonalidade de preto, codificada como P.
- uma tonalidade de cinza, codificada como C.

Lembramos, mais uma vez, que o protocolo que apresentamos oferece dados quanto à frequência de cores, síndromes, fórmulas do processo e estruturas, mas que só nos dedicaremos à análise das estruturas, da forma que será descrita adiante.

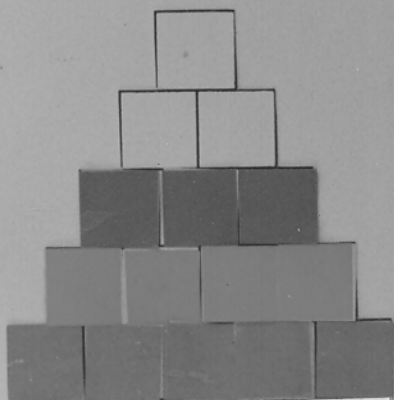
PIRÂMIDES BONITAS



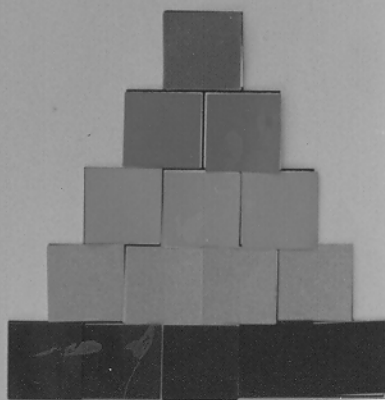
I-TAPETE FURADO



II-TAPETE FURADO



III-CAM. POLICROMÁTICA



IV-CAM. POLICROMÁTICA

TESTE DAS PIRÂMIDES

N.º A.C. _____

Data _____

Nome _____ 1931 Sexo _____

Endereço _____

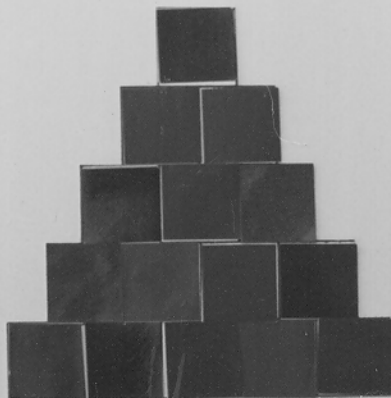
Profissão _____

I
1
2

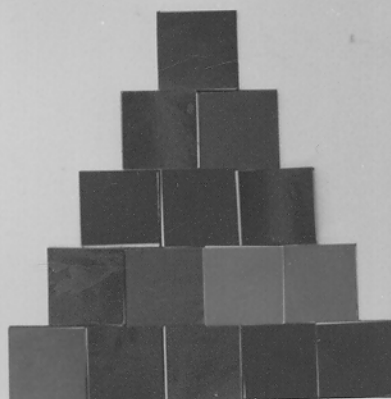
II
1
2
3

III
1
2
3
4

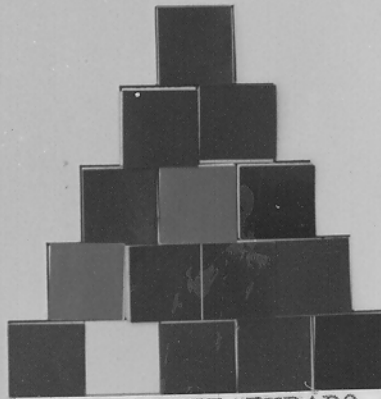
PIRÂMIDES FEIAS



I-CAM. ESTRUTURADA



II-TAP. DESEQUILIBRADO

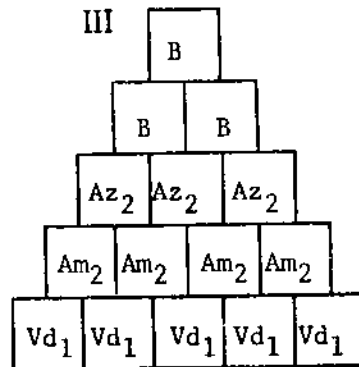
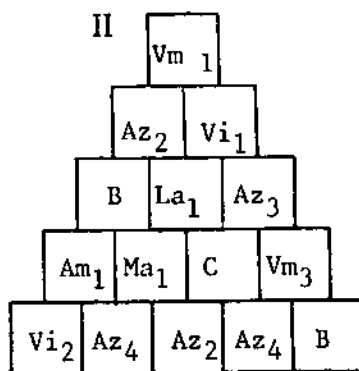
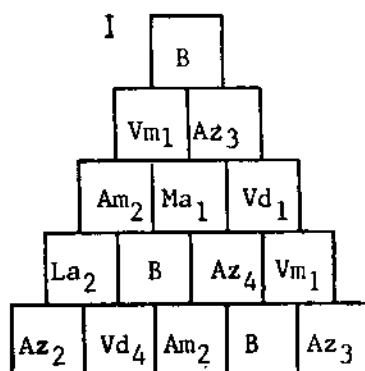


III-TAPETE FURADO

TESTE DAS PIRÂMIDES

Nome M. J. A. C. Data 1 / 1 / 77

Data Nasc. 4 / 4 / 1931 Sexo feminino Examinador Jussara Falek Brauer



a que menos gosta

Fórmula da Frequência

Pir.	Azul				Vermelho				Verde				Amar.			Violeta				Laranja			Marrom			Pr.	Cz.	Br.	V.Co.	V.Na.					
	4	3	2	1	4	3	2	1	4	3	2	1	2	1	1	3	2	1	1	2	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1				
I	1	2	1		4				2	2	1		1	2	2		2				1		1				1	1						3	
II	2	1	2		5	1	1	2							1	1		1	1	2		1	1					1	1		1	2			
III		3			3								5	5	4	4																		3	
steh					12				4				7		7					2					2		2						1	8	

Fórmula da cor 2

3	2	1	0
Az	Vm	Vi	P
Am	Vd	Ci	
B	La		
	Ma		

Fórmula da cor sten

AZUL (1,3)	
VERMELHO (1,2)	
VERDE (1,3,5)	
AMARELO (2,5)	
VIOLETA (3)	
ARANJA (2)	
MARROM (5,6)	
PRETO (4,6)	
CINZA (4,6)	
BRANCO (4,6)	

SÍNDROMES

- 1) Normal 23
- 2) Estimulação 12
- 3) Coartação
- 4) Acromática 9
- 5) Propulsão 16
- 6) Não Espetral
- 7) Introversão

Fórm. do processo 3 : 4 : 2 : 1

Escolha flexível ampla

Pir.	Estrutura	Direção	Modo	Observações
I	tapete furado			
II	tapete furado			
III	camadas policromáticas			

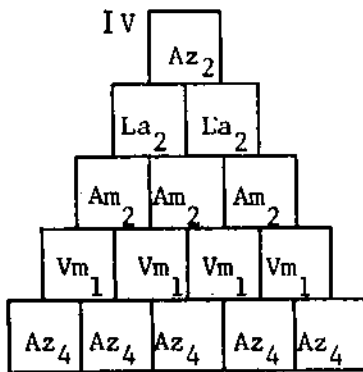
Pir.	Apice	Coração	Eixo	Primeira e última colocação	Tempo	Permuta
I						
II						
III						

TESTE DAS PIRÂMIDES

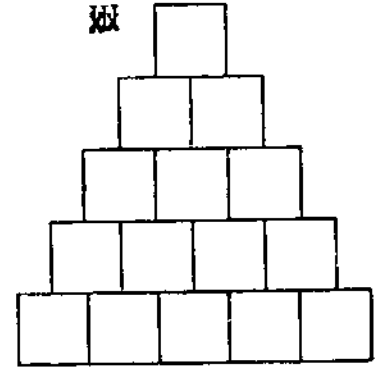
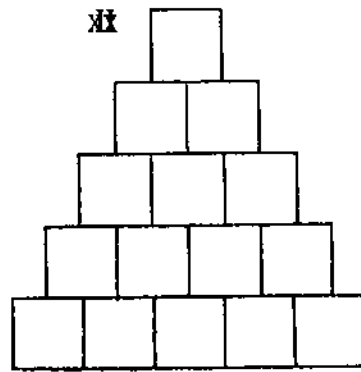
Nome M.J.A.C.

Data / / 77

Data Nasc. 4 / 4 / 1931 Sexo feminino Examinador Jussara Falek Brauer



camadas policromática a que mais gosta



Fórmula da Frequência

Pir.	Azul					Vermelho					Verde					Amar.			Violeta				Laranja			Marrom			Pr.	Cz.	Br.	V.Co.	V.M.
	4	3	2	1	T	4	3	2	1	T	4	3	2	1	T	2	1	T	3	2	1	T	2	1	T	2	1	T					
I					4					2					2			2							1			1				3	
II					5					2								1					2				1			1	2		
III	5		1		6					4	4					3		3						2	2								
T					15					8					2			6						2			4		2		1	5	

Fórmula da cor	sten
AZUL (1.3)	
VERMELHO (1.2)	
VERDE (1.3.5)	
AMARELO (2.5)	
VIOLETA (3)	
LARANJA (2)	
MARROM (5.6)	
PRETO (4.6)	
CINZA (4.6)	
BRANCO (4.6)	

- ### SÍNDROMES
- 1) Normal 25
 - 2) Estimulação 18
 - 3) Coartação
 - 4) Aeromática 6
 - 5) Propulsão 10
 - 6) Não Espetral
 - 7) Introversão

Fórmula da cor 2

3	2	1	0
Az	Ma	Vd	P
Vm	B	Vi	
Am		Ci	
La			

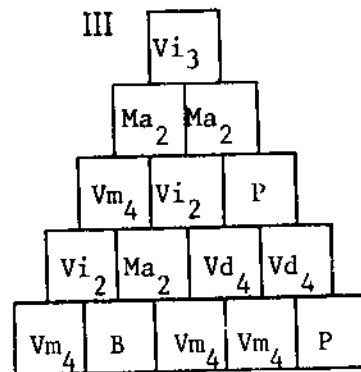
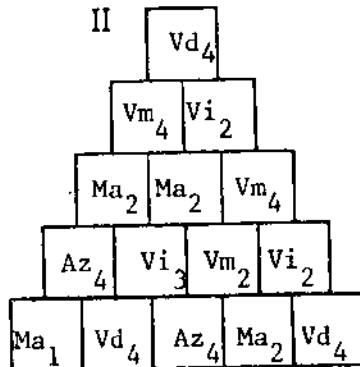
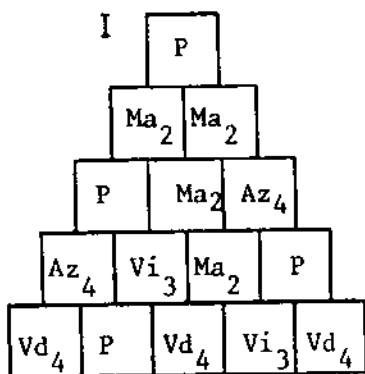
Fórm. do processo 4 : 2 : 3 : 1
 escolha constante ampla

Pir.	Estrutura	Direção	Modo	Observações
IV	camadas policromáticas			
II				
III				

Pir.	Ápice	Coração	Eixo	Primeira e última colocação	Tempo	Permuta
I						
II						
III						

TESTE DAS PIRÂMIDES

Nome M.J.A.C. Data / / 77
 Data Nasc. 4 / 4 / 1931 Sexo feminino Examinador Jussara Falek Brauer



a mais feia

Fórmula da Frequência

Pir.	Azul			Vermelho			Verde			Amar.			Violeta			Laranja			Marrom			Pr.	Cz.	Br.	V.Co.	Y.										
	4	3	2	1	T	4	3	2	1	T	4	3	2	1	T	2	1	T	3	2	1						T	2	1	T	2	1	T	T	T	T
I	2				2					3					3					2					4	4	4									
II	2				2	2		1		3	3				3					1	2				3					3	1	4				
III						4				4	2				2					1	2				3					3	3	2			1	
sten					4					7					8										8					11	6	1				

Fórmula da cor	sten
AZUL (1,3)	
VERMELHO (1,2)	
VERDE (1,3,5)	
AMARELO (2,5)	
VIOLETA (3)	
LARANJA (2)	
MARROM (5,6)	
PRETO (4,6)	
CINZA (4,6)	
BRANCO (4,6)	

- ### SÍNDROMES
- 1) Normal 19
 - 2) Estimulação 7
 - 3) Coartação
 - 4) Acromática 7
 - 5) Propulsão 19
 - 6) Não Espetral
 - 7) Introversão

Fórmula da cor 2

3	2	1	0
Vd	Az	B	Am
Vi	Vm		La
Ma	P		Ci

Fórm. do processo 3 : 3 : 1 : 3
 escolha flexível moderada

Pir.	Estrutura	Direção	Modo	Observações
I	camadas estruturadas			
II	tapete desequilibrado			
III	tapete furado			

Pir.	Ápice	Coração	Eixo	Primeira e última colocação	Tempo	Permuta
I						
II						
III						

Analisaremos o teste de Pfister como tendo a cor um conteúdo simbólico específico ao indivíduo, isto é, abstrairemos o simbolismo universal atribuído à cor dentro da bibliografia relativa ao teste de Pfister, tentando encontrar o simbolismo dado pelo sujeito às cores. Para tanto, elas serão consideradas apenas como material empregado na construção da pirâmide, e seu significado advirá do modo como forem colocadas dentro da estrutura piramidal.

As pirâmides bonitas e feias não serão interpretadas como conteúdo manifesto - conteúdo latente do material ou aspecto consciente - aspecto inconsciente, como se faz usualmente, mas como dois processos fechados que, por terem sido produzidos pelo mesmo sujeito, devem ter uma interpretação internamente coerente, o que consistirá no critério de validação de nossa interpretação.

Passemos agora à análise do protocolo.

1 - Análise global do protocolo

Analisando o processo ocorrido durante a execução do teste no que se refere à estruturação, nota-se que este processo consiste em uma estruturação crescente observada nas pirâmides bonitas, tendência esta que passa a se inverter no momento em que se modificam as instruções (isto é, para pirâmides feias). A primeira pirâmide bonita é um tapete furado, e também a segunda, sendo a terceira e a quarta camadas policromáticas, ou seja, as duas últimas pirâmides bonitas são bastante mais diferenciadas no que se refere ao aspecto estruturação do que as duas primeiras (veja-se as definições apresentadas no segundo capítulo deste trabalho). O processo se inverte nas pirâmides feias, na medida em que, partindo



de uma camada estruturada, chega a dois tapetes, um desequilibrado e outro furado.

Quando perguntada pelas pirâmides de sua preferência (técnica usual de aplicação), apontou sempre as mais estruturadas (camadas), sendo as menos estruturadas (tapetes) consideradas mais feias.

Esta primeira aproximação permite-nos depreender, em primeiro lugar, tratar-se de pessoa de equilíbrio instável (uma vez que varia muito o modo de estruturação das pirâmides), que prefere seus momentos mais estruturados e que se esforça por atingi-los (o fato de nas pirâmides feias a série começar com uma camada não invalida a afirmação, se lembrarmos da instrução - faça pirâmides mais feias - o processo de desestruturação é valorizado negativamente pelo paciente).

Outra tendência geral a assinalar é a de ir diminuindo o número de cores escolhidas para a construção das pirâmides, à medida que vai fazendo o teste de forma mais estruturada. Assim, nas bonitas :

- Pirâmide I, Tapete furado - dez cores
- Pirâmide II, Tapete furado - doze cores
- Pirâmide III, Camadas policromáticas - quatro cores

nas feias :

- Pirâmide I, Camada estruturada - cinco cores
- Pirâmide II, Tapete desequilibrado - oito cores
- Pirâmide III, Tapete furado - sete cores

Tudo se passa como se, colocada frente ao impacto das cores, a paciente se perca no primeiro momento em entrar em contato com todas elas, o que as torna conhecidas e já selecionadas, não precisando mais a paciente repetir

o processo de escolha, pois, embora se eleve novamente o número de cores no final da segunda série, nunca chega a equiparar-se ao das pirâmides iniciais.

Assim, parece-nos que a situação faz com que a paciente regreda para uma condição infantil de exploração do ambiente, mas que encontra recursos para superá-la e aprender com esta experiência.

Outro elemento importante, que liga os dois primeiros, é que as cores estruturantes se mantêm tanto nas pirâmides bonitas como nas feias. Para as pirâmides bonitas, as cores mais constantes são, Azul, Branco, Amarelo e Vermelho; para as feias, são o Marrom, o Violeta, o Azul, o Preto, o Vermelho e o Verde.

Apesar de se tratar, em sua maioria, de estruturas em tapetes, faz-se notar o modo de colocação das cores, as quais aparecem sempre colocadas de forma estruturante, numa relação de dois a dois, o que nos leva a apreender uma dupla tendência : por um lado, uma tendência à desestruturação frente a situações de cunho afetivo (a situação de teste de Pfister, onde se trabalha com cores, seria uma destas) e, por outro, uma necessidade de controle, que ajuda a paciente a enfrentar a desestruturação, esforçando-se por reencontrar o equilíbrio.

Ainda como observação global, podemos notar que nas pirâmides feias aparece um grau de estruturação mais diferenciado do que nas bonitas, pois, enquanto nas pirâmides bonitas aparecem as camadas policromáticas como estruturas mais diferenciadas, nas pirâmides feias aparece uma camada estruturada, uma estrutura de transição (mescla de escada, camada estruturada e camada policromática), o que nos faria pensar que a paciente não está po

dendo valorizar positivamente seus aspectos mais estruturados.

A leitura das pirâmides nos ajudará a compreender em que termos é vivido pela paciente o processo acima descrito. Assim,:

2 - Análise da primeira pirâmide bonita

Na primeira pirâmide bonita, estruturada em termos de tapete furado, as cores Branco, Vermelho 2, Azul 3 e Amarelo 2 são colocadas de tal forma a introduzir um resquício de estruturação no tapete, que se dá no sentido de estabelecer relações entre as diversas linhas da pirâmide (no sentido vertical), levando-as em conta no sentido de uma busca de estabilização dos lados, num equilíbrio compensatório (pois não estão colocadas de forma equilibrada, isto é, simétrica, mas de uma forma que sugere mais uma compensação do desequilíbrio existente).

Tudo parece se passar como se, exposta à estimulação afetiva das cores, a paciente se desestruturasse, desconsiderando a forma da pirâmide, deixando-se levar pelas cores. Resiste, no entanto, no meio do caminho, apoiando-se nas primeiras quatro cores escolhidas (a paciente começou seu trabalho a partir do topo da pirâmide) para se reequilibrar, unindo pontos dos lados direito e esquerdo, bem como do eixo central.

Assim, apesar de desestruturada a primeira pirâmide, (pois foi classificada como tapete furado), ela não deixa de manter uma certa coesão entre cinco linhas. Mergulhada na estimulação afetiva das cores, Dona Maria Julia perde a visão de conjunto da pirâmide (uma vez que

desconsidera a forma), passando a trabalhar com os quadradinhos como entidades isoladas (num tapete furado em que as cores não se relacionam entre si). O início de ordenação que descrevemos acima indica, no entanto, um esforço feito pela paciente para manter coeso o todo, numa tentativa fracassada de estabelecer uma relação entre as linhas, no sentido de encontrar um equilíbrio compensatório entre direita e esquerda. Dizemos fracassada a tentativa, pois o produto final é ainda um tapete furado. Terá então a paciente, hipotetizamos, percebido de alguma forma a regra que organiza o todo, a simetria, (a figura apresentada é, em última análise, um triângulo equilátero), regra esta que ela não consegue, no entanto, preencher, mostrando-nos que percebe uma figura com dois lados não perfeitamente simétricos.

O todo da pirâmide aparece sem um contorno definido, como se não houvesse um limite que separa o interior da figura de seu exterior.

3 - Análise da segunda pirâmide bonita

A segunda pirâmide bonita repete a estruturação da primeira, acrescentando-lhe algo : também nela há uma preocupação com a relação direita-esquerda, conseguindo a paciente agora ordenar a última linha da pirâmide de uma forma mais próxima da simetria.

Também nesta segunda pirâmide as cores Azul 2, Branco e Azul 4 são estruturantes.

Até este momento do teste tudo nos faz crer, ao nível da hipótese, estar a paciente num momento de transição, e que poderíamos esperar como final desse processo de transição, uma estruturação que tivesse algo a ver com a simetria.

A terceira pirâmide traz uma dupla quebra do processo que descrevemos até aqui.

4 - Análise da terceira pirâmide bonita

Aparece nesta terceira pirâmide bonita, finalmente, o passo em direção à estruturação, só que não mais relacionado com a simetria como até aqui, mas agora com a separação das cores em camadas. Isto nos aparece como algo externo à paciente, que chegou a um produto diferente ao esperado, tendo em vista o processo de estruturação que ela estava vivenciando. É diferente não só quanto à forma, (camadas policromáticas ao invés de por exemplo camadas simétricas), mas também quanto às cores, uma vez que as cores são escolhidas tendo como modelo as cores da bandeira nacional, conforme a própria paciente nos confirma. Só que, no que refere às cores, essa estranheza é apenas aparente, uma vez que o Branco, o Azul 2 e o Amarelo 2 já apareciam como estruturantes na primeira pirâmide bonita. A terceira pirâmide é sentida por nós como algo alheio à paciente. Ela se serve de um "clichê" para se apoiar nele. É somente quando apoiada neste tipo de estruturação externa a ela que a paciente chega a organizar sua vivência afetiva. Consegue integrar-se em um todo apenas quando se sente protegida por uma instituição, (a bandeira estaria simbolizando isto), no anonimato.

5 - Análise da quarta pirâmide bonita

Quando solicitada a construir uma quarta pirâmide bonita, técnica usual nesses casos, que serve para esclarecer o processo e tornar a interpretação mais segura, responde Dona Maria Júlia também com camadas, modificando algumas cores e mantendo o Azul e o Amarelo. Isto con

firma a nossa hipótese de quebra consigo mesma no momento em que organiza melhor sua vivência afetiva. Aqui também as cores escolhidas são cores estruturantes das duas primeiras pirâmides : Azul 2, Laranja 3, Amarelo 2, Vermelho 1, Azul 4.

De acordo com a técnica usual, a paciente é então solicitada a construir agora pirâmides feias.

6 - Análise da primeira pirâmide feia

Retoma então o ponto em que houve a quebra nas pirâmides bonitas e realiza algo que tem mais coerência com o processo de estruturação que ela interrompeu, para construir as camadas policromáticas.

Surge uma pirâmide mais estruturada, mais diferenciada que as anteriores, em que há uma relação entre as segunda, terceira e quarta linhas, que, ao mesmo tempo que torna a pirâmide mais integrada, perturba a simetria da estruturação. A cor Marrom 2, ao mesmo tempo que integra, corta a pirâmide pela metade, resultando duas partes não perfeitamente simétricas, em equilíbrio compensatório. A segunda linha é uma camada constituída de Marrom 2. A última linha é a que mais se aproxima da simetria completa, perturbada porém pelas cores Preto e Violeta 3.

7 - Análise da segunda pirâmide feia

Mas tudo parece passar-se como se a visão mais integrada do conjunto a fizesse dar um passo para trás. A segunda pirâmide feia é um tapete desequilibrado. Repete-se a tendência apresentada anteriormente de busca de or-

ganização, em termos de simetria incompleta, realizando a cor Verde 4 um deslocamento do plano piramidal para a direita, como se a paciente tentasse construir uma segunda pirâmide dentro da pirâmide oferecida. A cor Marrom 2 inicia a organização da terceira linha em termos de camada e compensa a quebra do Verde 4, puxando o equilíbrio para a esquerda.

8 - Análise da terceira pirâmide feia

A terceira pirâmide feia é novamente um tapete furado, este, porém, mais próximo de uma pirâmide em camadas policromáticas. Na segunda linha, o Marrom 2, organiza uma camada. Esta mesma cor aparece à esquerda, na quarta linha, que é uma camada incompleta organizada pelo Verde 4. O Vermelho 4 organiza a quinta linha, que é também uma camada incompleta e a coloca em relação com a terceira linha. Tudo se passa como se as camadas superiores contivessem elementos que perturbam a organização das inferiores, repetindo a já apresentada organização de equilíbrio compensatório.

9 - Sintetizando

Nas pirâmides feias, da mesma forma que nas bonitas, a pirâmide mais estruturada é formada pelas cores estruturantes das outras duas (Preto, Marrom 2, Azul 4, Violeta 3 e Verde 4 para as feias; Branco, Azul 2, Amarelo 2, Vermelho 1, Azul 4, para as bonitas).

Este fator vai constituir o ponto nodal de nossa compreensão do caso; o fato de aparecer uma pirâmide mais estruturada que condensa as duas anteriores. Isto coloca as duas séries como constituindo dois processos diferentes, fechados, mas coerentes entre si, semelhantes.

Nas pirâmides bonitas vislumbra-se a caminhada no sentido de uma estruturação crescente, que inclui uma deformação da realidade piramidal, que não é tratada de acordo com suas características (simetria). O processo é interrompido e a paciente se esconde por trás de uma estrutura externa a ela (camadas) e aceita socialmente (bandeira). Além de conter uma condensação, esta terceira pirâmide traz também uma projeção, que se encontra exatamente no fato de atribuir à instituição (bandeira) uma solução que é sua, ou ainda ao aplicador, na quarta pirâmide, uma vez que responde à nossa instrução modificando as cores, mas não a estrutura, e, ao ser perguntada de que pirâmide mais gosta, afirmou gostar mais desta, como que para agradá-lo (lembramos que esta quarta pirâmide foi solicitada adicionalmente quando perguntamos à paciente se havia tido a intenção de usar as cores da bandeira na terceira e ela confirmou.)

Esta estruturação em camadas, externa ao processo vivenciado pela paciente, é a solução por ela encontrada para dar conta da angústia evocada pelo modo como a paciente estruturou a realidade piramidal, como que deformando-a. Ela inclui, no entanto, os elementos desta estruturação de equilíbrio compensatório, organizados agora de tal forma que deixem de lado o conflito, apelando para a compartimentalização afetiva (camadas), num contexto de adoção de um padrão socialmente valorizado, no qual a paciente projeta suas tendências.

Pode-se, a partir disso, levantar a hipótese de que a paciente não se sente em condições de prosseguir seu processo de estruturação, por temer chegar a uma visão de todo deformada.

Nas pirâmides feias a paciente retoma seu processo, par-

tindo de uma estruturação mais diferenciada, quase totalmente integrada, que contém as características que abandonou para construir a camada policromática : deformação, desequilíbrio compensado. Não suportando perceber-se assim, regride estruturalmente, confunde-se, deixando, no entanto notar que a estruturação em camadas, que apareceu como externa a ela na sequência anterior, faz parte de seu processo. Isto foi permitido no momento em que se modificaram as instruções. Quando mostra aquilo que julga feio, já não precisa recorrer ao mecanismo de projeção. Aqui também a pirâmide mais estruturada inclui os elementos das subsequentes, além de sua tendência geral, ou seja, condensa as outras duas.

10 - Conclusão do caso

Estamos diante de uma pessoa que permanece em crise, porque não está podendo enxergar determinadas características suas. Permanece desestruturada afetivamente pois ao se organizar, passa a enxergar a si e às coisas de forma deformada, e acaba adotando todo um padrão que coloca como sendo externo a ela, mas que na realidade contém uma tendência à rigidez e à compartimentalização afetiva que ela não tolera ver como suas.

Tudo isso ocorre num contexto de personalidade fortemente suscetível a situações de cunho afetivo, o qual se desestrutura diante delas, não chegando nunca a entrar em um real contacto com elas, pois aparece em contrapartida uma tendência à estruturação em um sentido de estabelecimento de uma quebra interior. Só o consegue no momento em que se afilia a uma organização sentida como externa, que a desvia de seu conflito, mas que satisfaz suas necessidades de rigidez e controle.

A crescente estruturação ajuda a paciente a exercer um controle sobre sua voracidade, diminuindo gradativamente o número de cores escolhidas.

É difícil o estabelecimento de um limite claro entre o interior e o exterior.

O processo de seleção de estímulos e de organização dos mesmos é vivenciado concretamente, evidenciando uma dificuldade de planejamento dos atos, de fazer uso de experiências anteriores através de abstração.

12 - Conclusões a respeito das estruturas em tapetes

O caso aqui apresentado corrobora o que foi encontrado por Adam e Schneevoigt (1963), uma vez que nosso sujeito é mulher, de baixo nível de instrução, tendo dado uma resposta em tapetes no Teste das Pirâmides Coloridas. No entanto, não vai de encontro ao proposto por Spitsnagel (1955). Aqui encontramos tapetes nas pirâmides bonitas e feias (e não apenas nas feias como o autor sugeriu). Talvez a diferença de cultura possa ajudar-nos a compreender essa discrepância.

A partir dos dados obtidos em nosso trabalho concluímos que o método experimentado por nós parece mostrar-se fecundo para a obtenção de uma melhor compreensão da estrutura em tapetes, no seguinte sentido.

A análise feita do material de teste nos conduziu a uma compreensão do processo vivido pela paciente, cujá organização é específica a ela.

A desestruturação do tapete continha uma estruturação específica ao nosso sujeito ordenada ora para buscar reestabelecer um equilíbrio compensatório da figura representada, ora para se desestruturar frente à visão de um todo deformado. Reencontramos, na análise da estruturação, que levou em conta ao mesmo tempo as cores, os mecanismos de condensação e deslocamento, mecanismos do processo primário, que nos auxiliaram na interpretação dessa estruturação de personalidade, e que estavam presentes tanto nas pirâmides bonitas como nas feias.

Evidenciou-se a dificuldade da paciente em organizar-se diante da estimulação colorida a ela oferecida, organizando o material em forma de tapetes, de tal forma que a estrutura piramidal surge picotada em pequenos pedaços, não havendo uma integração do todo, nem estabelecimento de limites entre o lado de dentro e o lado de fora da pirâmide. Tudo isto nos remete a uma organização de personalidade muito primitiva, a um ego labilmente estruturado, fator que vem a ser corroborado pelo tipo de mecanismos defensivos utilizados pela paciente, típicos do processo primário, resultando uma inadaptação à realidade e um predomínio da fantasia.

V - CONCLUSÕES

O trabalho que ora apresentamos consiste em um levantamento de questões sobre as origens do teste de Pfister, as bases sobre as quais se apoia o trabalho de interpretação dos diversos itens do teste, em especial a estruturação das pirâmides, aspecto que mais nos interessa, e numa primeira tentativa de uma nova forma de trabalho com o material de teste.

Este teste utilizado para a avaliação da personalidade, tem quase todo seu trabalho de interpretação calcado na avaliação das cores escolhidas pelo sujeito, uma vez que estas são passíveis diretamente a um trabalho de quantificação, e de conseqüente elaboração estatística.

Em toda bibliografia consultada (Vide Cap. VI, pg. 66), o que se refere à estruturação das pirâmides é citado como pouco aprofundado nas pesquisas e também como não sendo elas passíveis diretamente de uma quantificação. É assim que Spitsnagel (1955) realizou seu trabalho no sentido de encontrar um índice quantitativo para a forma.

O método aplicado para a realização das pesquisas resenhadas no trabalho que apresentamos é o método experimental, no qual se procura separar, de forma rigorosa, o sujeito que estuda, do objeto que está sendo estudado, e no qual, o critério de verdade é a adequação do modelo construído ou da hipótese explicativa ao objeto estudado.

Este método empírico aparece, no entanto, ao lado de uma ampla utilização dos conceitos psicanalíticos, calcados

em uma outra metodologia (isto é, a psicanálise se constitui, ela mesma, como um método de pesquisa, além de técnica e corpo teórico que é), além do introspeccionismo e da fenomenologia. Isto coloca a nossos olhos uma ambiguidade e um problema que tentamos resolver, partindo para trabalhar com aquele elemento de teste considerado como o mais passível de subjetividade : a estrutura que nos parece, no entanto, o mais fecundo para a avaliação do teste das pirâmides.

Embora o termo estrutura seja utilizado para designar o modo de organização do material ("o como - revelando o grau e o modo de ser característico da estrutura da personalidade, na qual se desenrola o jogo da emoção e da afetividade" - Justo e Kolck, 1976, pg. 105*), de forma alguma ele é utilizado dentro de uma acepção estruturalista. Estrutura é aqui sinônimo de forma, formato.

Nós tomamos em nosso trabalho, o material produzido pelo testando como uma linguagem e não como comportamento, isto é, as cores aparecendo como uma linguagem que está articulada, ou não, pelo modo como estas se encontram colocadas dentro da figura piramidal. E sustentamos que o significado desta linguagem é encontrado quando retomamos o modo como ela está articulada dentro da estrutura da pirâmide.

Isto nos distancia do método empírico, acima referido, pois já não vamos mais considerar o produto do nosso sujeito como um comportamento exterior a nós, e cujo signi

*) in Justo, H. e Kolck, T. van - "O teste das pirâmides de cores" - Vetor Editora, São Paulo, 1976, pg. 105).

ficado universal se encontrará, na comparação estatística deste comportamento com outros, e situa nosso trabalho, por outro lado, no campo da linguagem, de influência saussuriana em que o significado da palavra, aqui da cor, é dado por sua posição dentro da frase, aqui da pirâmide.

Nosso trabalho é uma tentativa de colocar esta idéia à prova, e com isto sugerir uma nova forma de trabalhar com este teste.

Incluiu uma pesquisa bibliográfica a respeito do teste em foco, da qual se extraíram dados que nos esclarecem a respeito dos grupos etários, de sexo, profissão, etc., onde se pode encontrar cada tipo de estrutura embora pouco contribuam para a compreensão do modo de estruturação das pirâmides.

Este fato abre para nós a possibilidade de propor um outro caminho de pesquisa. Procuramos situar-nos dentro de um método que se aproxime mais daquele utilizado dentro da atividade Clínica em Psicologia, em oposição à proposta empírica de tratamento estatístico dos dados.

Nosso trabalho inclui também uma pesquisa aprofundada do significado do termo projeção em Psicologia e Psicanálise, que nos permitiu recolocar as técnicas projetivas dentro do campo de pesquisa que nos parece mais próprio ao trabalho de Psicodiagnóstico em Psicologia Clínica.

(Parece-nos conveniente que citeamos neste momento o trabalho de Monique Augras, 1978*, em que a autora se pro-

*) in Augras, Monique - "O ser da compreensão", Editora Vozes - Petrópolis, 1978, pag.7-17.

põe, assim como nós, a encontrar um embasamento metodológico para o trabalho de Psicodiagnóstico, e que sugere, também ela, a importância da análise da intersubjetividade, como caminho para se chegar à objetividade. A autora, no entanto, vai desenvolver sua abordagem dentro de uma linha fenomenológica).

Partimos então para a pesquisa do material produzido dentro da relação de diagnóstico, buscando pôr à prova nossa idéia inicial, aquela de que o modo de estruturação do material indicaria a maneira como o sujeito articula a linguagem não verbal das cores.

A partir do que foi encontrado neste trabalho, propomos que um caminho mais fértil para a pesquisa das estruturas do Teste das Pirâmides Coloridas seria aquele de aprofundar o caso particular, pois acreditamos que em cada caso o mesmo tipo de estruturação (os tapetes, por exemplo) poderá adquirir um significado novo, específico ao caso individual estudado. Propomos, assim, que se abandone a busca de significados gerais para uma determinada cor ou forma ou qualquer outro item do teste, bem como que se abandone a análise do material em termos de ítems, que tiram do material a sua unidade; pois o tipo de análise que fizemos só é possível quando levamos em conta as cores, dentro da estrutura.

Sentimos, no entanto, que, por se tratar de uma primeira tentativa em uma nova maneira de trabalhar com o teste de Pfister, necessária se faz uma pesquisa teórica profunda para o estabelecimento e localização de nosso método, em termos de metodologia científica e de uma fundamentação teórica sólida que o justifique.

Esta será a direção em que seguiremos pesquisando.

VI - B I B L I O G R A F I A

- 01) Adam,A. und Schneevoigt,I. - "Abhaengigkeit der Formung von Alter, Geschlecht,Beruf bzw. Schulbildung"- Beitrag zum FPT, 1963, pg. 35 (não publicado).
- 02) Amaral,F. de V., - "Pirâmides Coloridas de Pfister", CEPA, Rio de Janeiro, 1966, pg. 12.
- 03) Anzieu,D. - "Les mètodes projectives" PVF, Paris, 1960 e 1978 (tradução para o português) pg. 1 e pg.17.
- 04) Augras,M. - "O ser da compreensão" Editora Vozes, Petrópolis, 1978 , pg. 7-17.
- 05) Bauer,W. und Vogt,R. - "Ueber Farb-Form-Zusammenhaenge" - Beitrag zum FPT, 1963, pg.18 - (não publicado).
- 06) Brengelmann,J.C. - "Formale Gestaltungen im Farbpyramiden-Test als Funktion normaler und abnormaler Versuchsgruppen"- Psychol. Rundsch., Band IV, 1953, pg. 164.
- 07) Frank,L.K. - "Projective methodes for the study of personality" , Journ.Psychol., 1939, pg. 8.
- 08) Freud,S. - "Tres ensaios sobre teoria sexual" - (1905) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/Vol.2, pg. 1169-1273.

- 09) Freud, S. - "Los orígenes del psicoanálisis" (1887-1902) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva, /1973/ Vol. 3, pg. 3433-3656.
- 10) Freud, S. - "Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia". (1911), (Demencia paranoide autobiográficamente descripto) in Obras completas Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/Vol. 2, pg. 1487-1527.
- 11) Freud, S. - "Lo inconsciente en Metapsicología" - (1915) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/Vol. 2, pg. 2061-2082.
- 12) Freud, S. - "Sobre algunos mecanismos neuróticos en los celos paranoia y Homossexualidad" en Ensayo sobre la vida sexual y la teoría de las neurosis (1922) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/ Vol. 3, pg. 2611-2617.
- 13) Freud, S. - "Psicopatología de la vida cotidiana", (1901) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva, /1973/, Vol. 1, pg. 755-931.
- 14) Freud, S. - "La negación en El yo y el ello" (1925), in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/, Vol. 3, pg. 2884-2886.

- 15) Freud,S. - "Mas alla del Principio del Placer" - (1920) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/, Vol. 3, pg. 2507-2541.
- 16) Freud,S. - "Los instintos y sus destinos em El malestar en la cultura"(1915) in Obras completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva /1973/, Vol.2, pg. 2039-2052.
- 17) Heiss,R. e Halder,P. - "Der Farbpyramiden-Test" Verlag Hans Huber, Bern/Suiça, 1975, 2. Auflage, pg. 52-65.
- 18) Houben,A.M.J. - "Farbwahl und Farbgestaltungsverfahren" - Handbuch der Psychologie, 6. Band Psychologische Diagnostik - Verlag fuer Psychologie, C.J.Hogrete - Goettingen, 2a. edição inalterada, - 1964, pg. 744-769.
- 19) Jaspers,K. - "Psicopatologia General" (1913) Editorial Beta - Buenos Aires, 3a. edição /1966/ pg. 15-73 e pg. 351-367.
- 20) Justo,H. - "O teste das pirâmides de cores"PUCRS, 5a. edição, 1972, 123 pg.
- 21) Justo,H. e Kolck,T.van - "O teste das pirâmides de cores" Vetor Editora, São Paulo,1976, 179 pg.
- 22) Laplanche,J. e Pontalis,D. - "Vocabulário de Psicanálise" - Editora, Martins Fontes, Portugal, 1976, pg. 477.

- 23) Muchielli, R. - "La notion de projection" - citado pelo Dr. Theodorus van Kolck no ano de 1975 em Seminário realizado no processo de nossa orientação.
- 24) Murray, H. - "Test de Aperception Temática - TAT", Editora Paidós, Buenos Aires, 1958, pg. 13.
- 25) Piaget, J. - "O estruturalismo", Col. Saber Atual, São Paulo, 1947, pg. 7.
- 26) Schaie, K.W. - "The Color Pyramid Test" - A nonverbal technique for personality assessment, Psychological Bulletin - 1963, Vol. 60 nº 6, pg. 530-545.
- 27) Schaie, K.W. e Heiss, R. - "Color and Personality", A manual for the Color Pyramid Test - Hans Huber, Bern/Suíça, 1964, 295 pg.
- 28) Serpell, R. - "Cultural Differences in Attentional Preference for Color over Form", International Journal of Psychology - 1969, Vol. 4, nº 1, 1-8.
- 29) Siguán, M. - "Las pruebas proyectivas y el conocimiento de la personalidad individual" Depto. de Psicologia Experimental, - Instituto Luis Vives, 1952, Cap. I e II.
- 30) Spitsnagel, A. - "Der Farb-Form Index im Farbpyramiden-Test" - Inaugural-Dissertation - 1955 (não publicado).

- 31) Spitsnagel, A. - "Einzelbeitraege" - Beitrag zum FPT 1963, pg. 49 (não publicado).
- 32) Tim, U. - "Der Einfluss verschieden strukturierter Vorlagen auf die Formungen" Beitrag zum FPT, 1963, pg. 1 (não publicado).
- 33) Wittenberg, J.J. - "Die Relativitaet der Farbwahlen", Die aufgegliederte Vorlaufsformel, - Farbenstruktur und 3 Figuren-Test - (3 F.T.), III Internationaler Roschach-Kongress. Ross 13-16 IX 1956, Hans Huber, Bern und Stuttgart.